

# OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA  
MENSAL

*Fundada em 1938*

 N.º 148 

VOLUME XXXIX

*AGOSTO, 1950*



---

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR — ÁLVARO PINTO  
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIP. DA EDITORIAL IMPÉRIO, L.<sup>DA</sup> — LISBOA

---

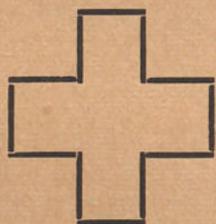


*O impresso que causa boa impressão..*

é sempre um elemento valioso para a firma que o utiliza. Gravuras bem cuidadas por técnicos sabedores, e bem impressas por impressores experimentados, sobre qualidades de papéis escolhidas para cada caso especial, por pessoal competente, eis a fórmula e o segredo dos impressos que causam boa impressão. Eis o segredo de

**BERTRAND (IRMÃOS), L.<sup>DA</sup>**

T. DA CONDESSA DO RIO, 7 - TELEF. P. B. X. 21227 - 21360 - 32574 - LISBOA



**SELOS**

da

*Cruz Vermelha Portuguesa*

Aplique sempre na sua correspondência um selo da Cruz Vermelha Portuguesa, Instituição das mais nobres e beneméritas.

Os selos vendem-se na sede da Cruz Vermelha — Palácio do Conde de Óbidos  
Jardim 9 de Abril — Lisboa

# A COVINA

PRODUZ QUASE O DOBRO

DA CHAPA MECÂNICA

DE VIDRO

QUE É CONSUMIDA

NA METRÓPOLE

E NAS COLÓNIAS

CONHEÇA MARROCOS  
A TERRA DOS CONTRASTES

*Voando nos confortáveis aviões da*

**AERO-PORTUGUESA**

que ligam  
**LISBOA**

com  
**TÂNGER**

e  
**CASABLANCA**

transportando passageiros,  
correio e carga

*Peça informações na*  
Av. da Liberdade, 120  
*ou pelo telefone 31128/9*  
*ou ainda no seu Agente de viagens*

A Aero-Portuguesa é Agente Geral  
das Companhias  
**AIR FRANCE, SABENA e S. A. S.**

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR:  
ÁLVARO PINTO  
GERENTE: MARIA  
AMÉLIA M. DE AZEVEDO PINTO

# OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA MENSAL  
FUNDADA EM 1938  
SAI NO DIA 1 DE CADA MÊS

## SUMÁRIO DO N.º 148 / VOLUME XXXIX /

«Em Prol da Cultura» — VIII — Pág. 53/59.	BIBLIOGRAFIA —
«A nobreza de Camões» — Uma carta de HER- NANI CIDADE — Pág. 60.	TRO OSÓRIO — XIII» — Pág. 88
AMÉRICO CORTÊS PINTO — «Écloga» — Versos — Pág. 61/64.	Livros recebidos — ÁLVARO PINTO — Pág. 94/96.
P.º ANTÓNIO MOURINHO — «Ecos da 1.ª Grande Guerra Europeia» (Do Diário dum Prisioneiro) — Pág. 65/77.	ILUSTRAÇÕES Na Ilha dos Am- vão...» — Camõe
RODRIGUES CAVALHEIRO — «Sob a Invo- cação de Clio — O Poeta Afonso Lopes Viei- ra e a Grande Guerra — Uma Carta» — Pág. 78/82.	ACÁCIO LINO Andaluzes — Dese- — 76/B.
DIOGO DE MACEDO — «Notas de Arte — Diogo da Gama — Uma recordação a propó- sito de Santa Rita Pintor — Um desafio ao tempo — As «Memórias» de Ferreira da Cos- ta» — Pág. 83/87.	SUPLEMENTOS RUI GALVÃO DE Vivo» — Contina VENTURA LEDI Património da Se em Olivença» —

### ASSINATURA

Portugal — 6 meses 95\$00; Ano 180\$00  
Colónias portug. e Espanha ... > 190\$00  
Brasil ..... > 180 cr.  
Estrangeiro, dollars U. S. .... > \$ 10.00

Com direito aos números especiais

### NÚM

Portugal .....  
Colónias portug.  
Brasil .....  
Estrangeiro, doll

Números atra

### REVISTA DE PORTUGAL — SÉRIE A — LÍNGUA FUNDADA EM 1942

Publicados os n.ºs 1 a 87 — cada fascículo 17\$50 — Assinatura

DIRECTOR — ÁLVARO PIN

ADQUIRA A 2.ª EDIÇÃO DO N.º 1 (MAIO DE 1938) — 152





*O impresso que causa boa impressão..*

é sempre um elemento valioso para a firma que o utiliza. Gravuras bem cuidadas por técnicos sabedores, e bem impressas por impressores experimentados, sobre qualidades de papéis escolhidas para cada caso especial, por pessoal competente, eis a fórmula e o segredo dos impressos que causam boa impressão. Eis o segredo de

**BERTRAND (IRMÃOS), L.<sup>DA</sup>**

T. DA CONDESSA DO RIO, 7 - TELEF. P. B. X. 21227-21368-32574 - LISBOA



**SELOS**

da

*Cruz Vermelha Portuguesa*

Aplice sempre na sua correspondência um selo da Cruz Vermelha Portuguesa, Instituição das mais nobres e beneméritas.

Os selos vendem-se na sede da Cruz Vermelha — Palácio do Conde de Óbidos  
Jardim 9 de Abril — Lisboa

A  
A

A  
C  
A  
BIBLIOTECA NACIONAL  
(ANTIGO COLOCCI-BRANCUTI)

Leitura, Comentários e Glossário por  
*Elza Paxeco Machado e José Pedro Machado*

1.ª edição integral do mais extenso e completo dos Cancioneiros Medievais Portugueses  
Volume I, com 408 páginas e 80 de fac-símile — 150\$000; edição especial — 250\$000. Enc. 280\$000 e 400\$000.

Volume II, a concluir, os mesmos preços.

A obra completa deve constar de 40 tomos em 8 volumes

Edição da '*Revista de Portugal*' — LISBOA — PORTUGAL

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR: ÁLVARO PINTO  
GERENTE: MARIA AMÉLIA M. DE AZEVEDO PINTO

# OCIDENTE

REVISTA PORTUGUESA MENSAL  
FUNDADA EM 1938  
SAI NO DIA 1 DE CADA MÊS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: R. DE S. FELIX, 41-1.º DT.º — OFFICINAS: EDITORIAL IMPÉRIO, LDA, R. DO SALTRE, 155, 1.º — LISBOA

## SUMÁRIO DO N.º 148 / VOLUME XXXIX / AGOSTO DE 1950

- «*Em Prol da Cultura*» — VIII — Pág. 53/59. **BIBLIOGRAFIA** — *Notas de JOÃO DE CASTRO OSÓRIO* — «*Livros Portugueses* — XIII» — Pág. 88/93.
- «*A nobreza de Camões*» — Uma carta de HERNANI CIDADE — Pág. 60. *Livros recebidos* — Pág. 93.
- AMÉRICO CORTÊS PINTO — «*Écloga*» — Versos — Pág. 61/64. ALVARO PINTO — «*Notas e Comentários*» — Pág. 94/96.
- P.º ANTÓNIO MOURINHO — «*Ecos da 1.ª Grande Guerra Europeia*» (Do Diário dum Prisioneiro) — Pág. 65/77. **ILUSTRAÇÕES**
- RODRIGUES CAVALHEIRO — «*Sob a Invocação de Clío* — O Poeta Afonso Lopes Vieira e a Grande Guerra — Uma Carta» — Pág. 78/82. Na Ilha dos Amores («*Fugindo as Ninfas vão...*» — Camões — 'Os Lusíadas') — por ACACIO LINO — Pág. 76/A.
- DIOGO DE MACEDO — «*Notas de Arte* — Diogo da Gama — Uma recordação a propósito de Santa Rita Pintor — Um desafio ao tempo — As «*Memórias*» de Ferreira da Costa» — Pág. 83/87. Andaluzes — Desenhos de DIOGO DA GAMA — 76/B.
- SUPLEMENTOS**
- RUI GALVÃO DE CARVALHO — «*Antero Vivo*» — Continuação — Pág. 105/120.
- VENTURA LEDESMA ABRANTES — «*O Património da Sereníssima Casa de Bragança em Olivenga*» — Continuação — Pág. 41/64.

### ASSINATURA

Portugal — 6 meses	95\$00;	Ano	180\$00
Colónias portug. e Espanha ...	>		190\$00
Brasil .....	>		180 cr.
Estrangeiro, dollars U. S. ....	>		\$ 10.00

Com direito aos números especiais

### NÚMERO AVULSO

Portugal .....	17\$50
Colónias portug. e Espanha .....	18\$00
Brasil .....	17,5 cr.
Estrangeiro, dollars U. S. A. ....	\$ 0.90

Números atrasados (1/108) — 15\$00

## REVISTA DE PORTUGAL — SÉRIE A — LÍNGUA PORTUGUESA

FUNDADA EM 1942

Publicados os n.ºs 1 a 87 — cada fascículo 17\$50 — Assinatura de 10 números — 150\$00

DIRECTOR — ÁLVARO PINTO

ADQUIRA A 2.ª EDIÇÃO DO N.º 1 (MAIO DE 1938) — 152 PÁGINAS — 30 ESCUDOS



# Companhia Nacional de Navegação

A mais antiga e maior empresa armadora portuguesa nas carreiras de África  
Sede—R. do Comércio, 85—Lisboa ● Sucursal—R. Infante D. Henrique, 73—Porto  
*Serviço rápido de passageiros e carga para a África e América do Norte*

## FROTA DA C. N. N.

Navios de passageiros em serviço	Tons. D. W.	Tons. deslocamento	Navios de carga em serviço	Tons. D. W.	Tons. deslocamento
Moçambique . . . . .	9.423	18.220	Sofala . . . . .	12.145	18.520
Angola . . . . .	9.550	18.250	Moçâmedes . . . . .	9.120	12.990
Nyassa . . . . .	9.130	17.442	Rovuma . . . . .	9.120	12.990
Quanza . . . . .	6.230	11.550	S. Tomé . . . . .	9.050	12.550
Índia . . . . .	7.000	11.400	Nacala . . . . .	3.370	5.130
Timor . . . . .	7.000	11.400	Tagus . . . . .	1.630	2.320
Chinde . . . . .	1.475	2.700	Angoche . . . . .	1.240	1.950
Luabo . . . . .	1.805	3.030	<b>Em construção:</b>		
Zambézia . . . . .	1.857	3.538	Save . . . . .		
Lúrio . . . . .	1.857	3.538			

Agências em todos os portos africanos e nos principais portos do Mundo

*Carolina Michaëlis de Vasconcelos*

## NOTAS VICENTINAS

Preliminares duma Edição  
Crítica das Obras de Gil Vicente

### NOTAS I a V

incluindo a Introdução à  
edição facsimilada do  
Centro de Estudos Históricos  
de Madrid

1 volume de 664 páginas, 22  
facsímeis e extensos índices 150\$00  
Edição especial numerada de  
1 a 100 ..... 180\$00

EDIÇÃO DE 'OCIDENTE'

## ACABA DE SAIR

UMA NOVA EDIÇÃO DE

## O HISSOPE

*Poema herói-cómico em  
8 cantos*

Reprodução de um manus-  
crito inédito do Século XVIII,  
com prefácio e anotações do  
Professor José Pereira  
Tavares

1 volume de 192 páginas — 25\$00

EDIÇÃO DA 'REVISTA DE  
PORTUGAL' — LISBOA

# MALA REAL INGLESA

(ROYAL MAIL LINES, LIMITED.)

AGENTES EM LISBOA:

JAMES RAWES & Cº LTD. e E. PINTO BASTO & C.ª, Lda.

m/v HIGHLAND BRIGADE	9 AGOSTO	LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, SANTOS, M O N T E V I D E U E BUENOS AIRES	Passageiros de 1.ª e 3.ª classes	E. PINTO BASTO & C.ª, Lda. Av. 24 de Julho, 1, 1.º Telefone 31581 (7 linhas)
s/s ANDES	14 AGOSTO	LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, SANTOS, M O N T E V I D E U E BUENOS AIRES	Passageiros de 1.ª e 2.ª classes, carga geral e de frigorífico	JAMES RAWES & C.ª, LTD. Rua Bernardino Costa, 47, 1.º Telefones 23232-3-4
m/v HIGHLAND PRINCESS	20 AGOSTO	VIGO E LONDRES	Passageiros de 1.ª e 3.ª classes	E. PINTO BASTO & C.ª Lda. Av. 24 de Julho, 1, 1.º Telefone 31581 (7 linhas)
s/s ALCANTARA	22 AGOSTO	LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, SANTOS, M O N T E V I D E U E BUENOS AIRES	Passageiros de 1.ª, 2.ª e 3.ª classes e carga geral	JAMES RAWES & C.ª, LTD. Rua Bernardino Costa, 47, 1.º Telefones 23232-3-4
m/v HIGHLAND CHIEFTAIN	30 AGOSTO	LAS PALMAS, RIO DE JANEIRO, SANTOS, M O N T E V I D E U E BUENOS AIRES	Passageiros de 1.ª e 3.ª classes	E. PINTO BASTO & C.ª, Lda. Av. 24 de Julho, 1, 1.º Telefone 31581 (7 linhas)

## C. P.

TRANSPORTE DE MOBÍLIAS  
PELO CAMINHO DE FERRO

A mobília sem acondicionamento, transportada em regime de vagonagem completo, deixou de estar sujeita ao recargo de 50 %, passando portanto a transportar-se pelo mesmo baixo preço da **mobília acondicionada**.

PEÇA INFORMAÇÕES

À  
INDÚSTRIA  
DO  
PAPEL

O Caminho de Ferro passou a conceder importantes reduções no preço de transportes de CARTÃO, PAPEL, PAPELÃO, SACOS DE PAPEL, PASTA DE MADEIRA E PASTA DE PAPEL, variáveis conforme as tonelagens anuais movimentadas.

## RELAÇÃO DAS PRINCIPAIS

# EDIÇÕES de «OCIDENTE» e da «REVISTA DE PORTUGAL»

*R. de S. Félix, à Lapa, 41, 1.º, Dt.º — Lisboa*

- «OCIDENTE» — Revista mensal ilustrada fundada em 1938 — Director: *Alvaro Pinto* — Número avulso: 17\$50; 37 volumes encadernados em pano (Vol. I a XXXVIII — N.ºs 1 a 146) 3.250\$00
- Capas de pano:  
Vols. I/XXXIII, cada uma 20\$00  
Vols. XXXIV/VIII, cada uma 25\$00  
Capas com lombada de pele, cada uma 30\$00 e ..... 35\$00  
Qualquer n.º atrasado até o 108 (inclusive) ..... 15\$00
- «REVISTA DE PORTUGAL» — Série A «*Infância Portuguesa*» — Director: *Alvaro Pinto* — N.º: 17\$50; Volumes I a XI (N.ºs 1/55), cada um, encadernado ..... 100\$00  
Volume XII (N.ºs 56/60), encadernado ..... 190\$00  
Volumes XIII e XIV (N.ºs 61/70 e 71/80) preço de cada um, encadernado ..... 185\$00
- Capas de pano:  
Volumes I/XII, cada uma ... 20\$00  
Volumes XIII/IV, cada uma 25\$00  
Qualquer n.º atrasado até o 54 (inclusive) ..... 15\$00
- «RAÍZES DE PORTUGAL» — pelo Prof. *A. Mendes Correia* — 2.ª edição 15\$00
- «VIAGEM» — Poemas de *Cecília Meireles* — Único livro premiado pela Academia Brasileira em 1938 ..... 15\$00
- «A TETRALOGIA DO PRÍNCIPE IMAGINÁRIO» — por *João de Castro Osório*. Ilustrações de *Hugo Manuel* — 4 vol. — Cada um ..... 6\$00
- «FÉDON» — de *Platão* — Prefácio de *Leonardo Coimbra* — Trad. de *Angelo Ribeiro* — 3.ª edição ..... 12\$50
- «FLORILÉGIO DAS POESIAS PORTUGUESAS ESCRITAS EM CASTELHANO E RESTITUÍDAS À LÍNGUA NACIONAL» — por *João de Castro Osório* ..... 12\$50
- «A EXPRESSÃO DA LIBERDADE EM ANTERO E OS VENCIDOS DA VIDA» — por *Feliciano Ramos*, com 7 ilustrações ... 6\$00
- «TEATRO CAMONIANO — 1) - ENFATRIÕES»  
2) «EL REI SELEUCO» — Prefácio e Notas do *Professor Vieira de Almeida* — Cada um ..... 10\$00
- «UM HUMANISTA PORTUGUÊS — DAMIÃO DE GÓIS» — por *Aubrey F. G. Bell*, tradução de *A. A. Dória* ... 10\$00
- «A PEDRA NO LAGO» — Peça em 4 actos, por *Fernanda de Castro* ... 10\$00
- «O BLOCO PENINSULAR» — pelo Prof. *A. Mendes Correia* ..... 5\$00
- «LUÍS DE CAMÕES — A VIDA E A OBRA LÍRICA» — pelo Prof. *Hernâni Cidade* ..... 10\$00
- «OBRAS COMPLETAS DE GIL VICENTE — 1) — O VELHO DA HORTA» — Prefácio, Notas e Glossário por *João de Almeida Lucas* ..... 10\$00  
2) «A EXORTAÇÃO DA GUERRA» — Prefácio, Notas e Glossário por *João de Almeida Lucas* ..... 10\$00
- «SOARES DOS REIS» — com 25 ilustrações — por *Diogo de Macedo* ... 15\$00
- «LUIZA DE AGUIAR TODI» — com 8 ilustrações — por *Mário de Sampaio Ribeiro* ..... 10\$00
- «FERNÃO LOPES» — por *Aubrey F. G. Bell*, tradução de *A. A. Dória* 10\$00
- «O ENQUADRAMENTO GEO-ECONÓMICO DA POPULAÇÃO PORTUGUESA ATRAVÉS DOS SÉCULOS» — pelo Prof. *Ezequiel de Campos* — 2.ª edição, com numerosas mapas e gráficos ..... 50\$00
- «OS LUSÍADAS» — de *Luís de Camões* — *Fac-simile* da 1.ª edição, com Prefácio e Notas de *Cláudio Basto* — Brochado 40\$00, encadernado em pano 55\$00
- «VIDA E OBRAS DE GIL VICENTE» — por *Anselmo Braamcamp Freire* (2.ª edição definitiva), com 19 estampas (últimos exemplares) ..... 80\$00
- «NOTAS VICENTINAS» — por *Carolina Michaëlis de Vasconcelos* — 1 vol. com 664 páginas, contendo as Notas I a V, 22 *fac-similes* e extensos índices 150\$00  
Edição especial (N.º 1 a 100) 180\$00
- «LIÇÕES DE FILOLOGIA PORTUGUESA» — por *Carolina Michaëlis de Vasconcelos* — Um vol. de 432 pág. .... 80\$00 (Últimos exemplares)
- «JOÃO JOSÉ DE AGUIAR» — c/18 ilustrações — por *Diogo de Macedo* ... 15\$00
- «SUBSÍDIOS PARA UMA BIBLIOGRAFIA DAS COMEMORAÇÕES CENTENÁRIAS» — compilados por *Carlos Galvão Simões* — Tomos I e II — Cada um ... 25\$00
- «OS ÚLTIMOS FINS DO HOMEM» — pelo P.º *Manuel Bernardes* — reprodução facsimilada da 1.ª edição de 1728, com Prefácio e Notas pelo Prof. *Vieira de Almeida* e Bio-bibliografia por *Barbosa Machado* — brochado 240\$00  
Encadernado ..... 300\$00

«PORTUGAL AMOROSO» — Novelas históricas de *D. João de Castro*—2.<sup>a</sup> edição — Capa de *Diogo de Macedo* 20\$00

«A DESCENDÊNCIA DE EL-REI O SENHOR D. JOÃO II» — pelo *Marquês de Lavradio* ..... 16\$00

«DICIONÁRIO BIOGRÁFICO DE MÚSICOS PORTUGUESES» — por *José Mazza*, com Prefácio e Notas do *P.<sup>e</sup> José Augusto Almeida* — 1 vol. de 104 p. 15\$00

«COLUNATA» — Romance de *Vieira de Almeida* — 328 págs. .... 20\$00

«A ESCULTURA EM PORTUGAL NOS SÉCULOS XVII E XVIII» — por *Diogo de Macedo* — Com 50 ilustrações. 40\$00 edição especial ..... 60\$00

«A JANEIRA DE TORMES» — (No Centenário de Eça de Queirós) — por *Vieira de Almeida* — Com 8 ilustrações — 20\$00; edição especial ..... 30\$00

«EÇA DE QUEIRÓS E OS SEUS ÚLTIMOS VALORES» — por *Feliciano Ramos* — Com 20 ilustr. — 25\$00; ed. especial 40\$00

«SERMÃO DA PRIMEIRA DOMINGA DA QUIRESMA, NA CIDADE DE S. JUIZ DO MARANHÃO, NO ANO DE 1653 E UMA CARTA A D. JOÃO IV» — pelo *P.<sup>e</sup> António Vieira*, com Prefácio e Notas por *Sebastião Morão Correia* — 1 volume de 128 páginas ..... 10\$00

«A CONQUISTA DO PARÁISO» — por *J. Caminha Dantas* — Novela — Capa de *Joaquim Lopes* ..... 15\$00

«INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA FILOLOGIA PORTUGUESA» — por *Manuel de Paiva Boléo* ..... 20\$00

«PROBLEMAS FUNDAMENTAIS PORTUGUESES», por *Ezequiel de Campos* ... 30\$00

«DA POESIA MEDIEVAL PORTUGUESA» — por *Aubrey F. G. Bell, C. Bowra e William J. Entwistle* ..... 15\$00

«A LINGUAGEM RÚSTICA NO CONCELHO DE ELVAS» — por *J. Capela e Silva* — com 28 ilustrações ..... 20\$00

«QUESTÕES DE LÍNGUA PÁTRIA» — 2.<sup>o</sup> volume—por *I. Xavier Fernandes* 25\$00

1.<sup>o</sup> vol. (2.<sup>a</sup> edição) ..... 25\$00

«ADOLESCÊNCIA E JUVENTUDE» — por *Perilo Gomes* — 1 volume de 212 páginas ..... 20\$00

«PEQUENO DICIONÁRIO LUSO-BRASILEIRO DE VOZES DE ANIMAIS (Onomatopeias e definições)» — por *Júlio de Lemos*, com uma Carta e um Estudo por *Augusto Moreno* ..... 20\$00

«CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL» (Antigo Colocci-Brancuti) — Leitura, Comentário e Glossário por *Elza Paixeco Machado e José Pedro Machado* — 1.<sup>a</sup> edição integral do mais extenso e completo dos Cancioneiros medievais portugueses — Está concluído o 1.<sup>o</sup> Volume com 408 páginas de texto e 80 de fac-simile ..... 150\$00

Tiragem especial (1 a 200) 25\$00

(Assinatura de 5 tomos (desde o 6.<sup>o</sup>): edição comum, 125\$00; especial, 225\$).

«PRECONCEITOS DA ÉPOCA» — por *Myron Malkiel Jirmounsky* — 1 volume de 144 páginas ..... 17\$50

«OS SERMÕES DE GIL VICENTE E A ARTE DE PREGAR» — por *Joaquim de Carvalho* — 1 volume de 88 págs. 15\$00

«AUTO DE SANTO ANTÓNIO» — por *Afonso Álvares* — Prefácio, notas e Glossário do Prof. *Almeida Lucas* — 1 volume de 80 páginas ..... 12\$50

«ENSAIOS DE FILOLOGIA ROMÂNICA» — por *Harri Meier* — 1 volume de 260 páginas ..... 30\$00

«SORTE» — Romance de *Fernanda de Castro*, capa de *Inês Guerreiro* — 1 volume de 232 páginas ... 20\$00

«ANTERO DE QUENTAL E A MULHER» — Ensaio de *Rui Galvão de Carvalho* — 1 vol. de 60 pág. e 4 ilustr. ... 15\$00

«A EXPRESSÃO LÉXICO-GRAMATICAL DO 'LEAL CONSELHEIRO'» — 2.<sup>a</sup> edição — por *Herbert Palhano* — 1 vol. com 184 pág. e o retrato de D. Duarte 20\$00

«ELOGIO DO CONTISTA TRINDADE COELHO» — por *Júlio de Lemos* — 1 volume de 56 páginas ..... 15\$00

«LIÇÕES DE TERMINOLOGIA MÉDICA» — pelo Prof. *Paulo Mangabeira Albernaz* — 1 vol. de 64 páginas ... 15\$00

«HISSOPE» — Poema herói-cómico em 8 cantos — Reprodução de um Manuscrito inédito do Século XVIII, com Prefácio e anotações de *José Pereira Tavares* — 1 vol. de 192 páginas 25\$00

«GONZAGA E A JUSTIÇA» — Confronto de Baltasar Gracián e Tomás António Gonzaga — por *João de Castro Osório* — 1 vol. de 80 páginas ..... 15\$00

«QUAL SERÁ O DESTINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NA ÍNDIA?» — por *Sebastião Morão Correia* — 1 volume de 72 páginas ..... 15\$00

«ANTERO VIVO» — de *Rui Galvão de Carvalho* — No prelo

No Pará — Agência Martins :: Em Manaus — Gavinho & Gonçalves  
 Depositário no Rio de Janeiro — Livraria Antunes :: Em São Paulo — Livraria Teixeira :: Em Porto Alegre — Livraria do Globo :: Em Curitiba — Livraria Ghignone  
 No Brasil os preços são os mesmos à razão de 1 cruzeiro por escudo



O PNEU QUE POSSUI  
GRANDE PODER DE  
ACÇÃO-TRACÇÃO, DE-  
VIDO A CONCEPÇÃO  
ESPECIAL DA SUA  
SUPERFÍCIE DE RO-  
DAGEM

**SQUEEGEE**

## Companhia Colonial de Navegação

SERVIÇO DE CARGA E PASSAGEIROS

*Carreiras regulares para: Cabo Verde, Guiné, África Ocidental e Oriental, Brasil e América do Norte*

Frota da Companhia em serviço e em construção

<i>Paquetes:</i>	Deslocamento Toneladas	Porte bruto Toneladas	<i>Navios de carga:</i>	Deslocamento Toneladas	Porte bruto Toneladas
«Pátria» (n. t.) . . . . .	19.173	10.943	«Benguela» (n. m.) . . . . .	12.303	9.347
«Império» (n. t.) . . . . .	19.173	10.943	«Lugela» (n. t.) . . . . .	12.250	8.340
«Mouzinho» . . . . .	14.150	8.200	«Pungue» . . . . .	8.750	6.356
«Colonial» . . . . .	14.120	8.136	«Lobito» . . . . .	5.970	4.278
«Serpa Pinto» . . . . .	13.020	5.412	«Pebane» . . . . .	4.105	2.797
«Guiné» . . . . .	6.130	3.250	«Quionga» . . . . .	4.105	2.770
			«Lunda» . . . . .	4.105	2.778
<i>Navios de carga:</i>			«Chaimite» . . . . .	3.200	2.000
«Luanda» (n. m.) . . . . .	13.790	9.820	«Nampula» . . . . .	3.200	2.000
«Ganda» (n. m.) . . . . .	13.114	9.419	«Búzi» . . . . .	3.080	2.062
«Amboim» (n. m.) . . . . .	13.114	9.419	«Sena» . . . . .	2.458	1.700

*Rebocadores: «Monsanto», (n. m.), 850; «Oceânia», 350; «Mafra», (n. m.), 320; «Mutela», (n. m.), 210; «Náuticos», 200; «Catembe», 120; «Príncipe», 100. Total 2.040 toneladas de deslocamento. Além dos rebocadores, a Companhia possui o seguinte material auxiliar: 12 lanchas-motor, 8 batelões de alto-mar, 247 batelões de tráfego local, com um deslocamento de 15.000 toneladas e com um porte útil total de carga de 10.962 toneladas.*

Escritórios: LISBOA — R. de S. Julião, 63 — tel. 30131 a 30138 — PORTO — R. Infante D. Henrique, 9 — Tel. 23342



# Livraria Luso-Espanhola, Lda.

Telefone 24917

RUA NOVA DO ALMADA, 88

L I S B O A

Rua do Carmo, 20-A, 1.º

Rua da Sofia, 78-1.º

Telefone 24076 — Porto

Telef. 2799—Coimbra

## GRANDES BIOGRAFIAS

Volumes luxuosamente encadernados em tela com gravuras e sobrecapas a cores

ADALBERTO, Príncipe de Baviera — <i>Eugénio Beauharnais</i> , bastardo de Napoleão .....	75\$00
BELLOC, Hilaire — <i>Maria Antonieta</i> .....	50\$00
BRINTON, Crane — <i>As Vidas de Talleyrand</i> .....	40\$00
BUCHAN, John — <i>Augusto</i> .....	75\$00
CURIE, Eva — <i>A vida heróica de Maria Curie</i> .....	110\$00
CHESTERTON, Gilbert K. — <i>Autobiografia</i> (2.ª ed.) .....	60\$00
EINSTEIN, Alfredo — <i>Mozart</i> .....	80\$00
FÜLOP-MILLER, René — <i>Santos que comoveram o Mundo</i> .....	75\$00
HOLSAPPLE, Lloyd B. — <i>Constantino, o Grande</i> .....	70\$00
LOJENDIO, Luís Maria de. — <i>Gonçalo de Córdova — O Grande Capitão — Savonarola</i> .....	100\$00
LOON, H. W. Van — <i>Rembrandt</i> .....	65\$00
LLANOS Y TORRIGLIA, F. de — <i>Maria I de Inglaterra — A Sanguinária — Rainha de Espanha</i> .....	125\$00
MARANON, Gregorio — <i>Tibério. — História de um ressentimento</i> (4.ª ed.) — <i>António Perez. — Dois volumes</i> .....	150\$00
MARCU, Valeriu — <i>Maquiavel. — A escola do poder</i> .....	275\$00
MAURA, Duque de — <i>Vida e reinado de Carlos II. Três volumes</i> .....	35\$00
— <i>O Príncipe que morreu de amor</i> .....	225\$00
MAUROIS, André — <i>Memórias</i> (2.ª ed.) .....	75\$00
MERRIMAN, R. B. — <i>Carlos V. O Imperador e o Império espanhol no Velho e Novo Mundo</i> (4.ª ed.) .....	45\$00
— <i>Solimão o Magnífico</i> .....	45\$00
MICHIELI, Augusto Adriano — <i>O Duque dos Abruzzos e seus feitos</i> .....	90\$00
MUÑOZ DE SAN PEDRO, Miguel — <i>Diogo Garcia de Paredes. Hércules e Sansão de Espanha</i> .....	125\$00
QUEIROZ VELLOSO, J. M. de — <i>D. Sebastião</i> .....	75\$00
ROMIEU, Emilie y Georges — <i>A vida das irmãs Brontë</i> .....	55\$00
SEMENTOWSKI-KURILO, Nicolai — <i>Alexandre I. Eufonia e recolhimento de uma alma</i> .....	55\$00
SILIO CORTES, César — <i>Isabel a Católica. Fundadora de Espanha</i> .....	100\$00
TASSONI ESTENSE, Alexandre — <i>Eugénio de Saboia</i> .....	50\$00
THIEL, Rudolf — <i>Contra a morte e o demónio — Da vida dos grandes médicos</i> .....	75\$00
WALSH, W. T. — <i>Filipe II</i> (2.ª ed.) .....	150\$00
— <i>Santa Teresa de Ávila</i> .....	60\$00
— <i>Personagens da Inquisição</i> .....	150\$00
WELLS, H. G. — <i>Tentativa de autobiografia</i> .....	60\$00
XAVIER, Adro — <i>O Duque de Gandia. O nobre Santo do Primeiro Império</i> .....	65\$00
XIMENES DE SANDOVAL, Filipe — <i>António Alcalá Saliانو. O homem que não chegou</i> .....	190\$00

# EM PROL DA CULTURA

## VIII

Porque reputamos de importância capital para a sorte da Cultura o problema da Biblioteca Nacional de Lisboa, cumpre-nos reproduzir e enaltecer as principais passagens do vibrante discurso pronunciado pelo Prof. Silva Marques na posse do seu novo e espinhoso cargo de Director daquele Organismo.

Ele não carregou as tintas do quadro nem fez política no que afirmou desassombradamente. Expôs a realidade, mostrou a tristíssima situação daquela casa tal como se encontra, tal como todos os heróicos frequentadores daquele túmulo devastador a conhecem e contra ela se têm rebelado vezes sem conta.

Agrada certamente a quem quer que seja aceitar o honroso convite de direcção da 1.<sup>a</sup> e mais notável Biblioteca do País. Mas não podem deixar de ser profundamente amargos os dias que tenham ainda de passar-se naquelas salas soturnas e impróprias para o fim que lhe atribuíram, por aqueles corredores de ambiente melancólico onde só podem medrar as traças, o bolor e os ratos, com estantes de armazém falido, caixas mesquinhas de loja de 4.<sup>a</sup> ordem, etc., etc.

Servimos na Biblioteca Nacional há 31 anos e já o sofrimento de todos os funcionários que ali trabalhavam com excepcional dedicação se filiava nas péssimas instalações, na impossibilidade de obter rendimento para o trabalho realizado e de se cumprirem totalmente os vastos planos de Cultura, que se tinham architectado e são sempre a principal característica das Bibliotecas Nacionais.

Chegará agora a vez da reparação, assistiremos em breve ao lançamento da primeira pedra do grandioso edificio, onde se possam acolher devidamente as preciosidades que estão a perecer no lúgubre casarão de hoje e erguer-se o núcleo de Cultura e Civilização que marque ao nosso Património intelectual o mesmo surto de ressurgimento que dignifica há duas décadas a Vida Portuguesa em todos os outros sectores?

Creemos bem que sim, visto como sabemos haver no Governo eminentes Professores que, longe de deverem receber lições de todos quantos reclamam, podem eles mesmos brindar-nos com sábias, eruditas e documentadas dissertações sobre o mérito da Cultura e o valor inigualável dos livros.

Cedamos, portanto, a palavra ao novo Director da Biblioteca Nacional de Lisboa:

«Todas as pessoas cultas conhecem a situação desta casa, para a qual — infelizmente, pela pior das causas — convergiram recentemente as atenções públicas. Não há necessidade de carregar nas sombras do quadro, já de si notòriamente enegrecidas para com sobeja razão lhe podermos chamar uma casa desgraçada.

Mais que péssima e vergonhosa instalação; graves perigos de incêndio e explosão (e ameaçando precisamente mais de perto a

secção dos *Reservados*); estantaria e mobiliário arqueológicos — tão arqueológicos que já no Século XVIII seriam considerados obsoletos e reles, e que qualquer mediana biblioteca de então os teria muito melhores, em qualidade e quantidade —; as espécies, o recheio, sem exceptuar as mais preciosas, fortemente atacadas, ou antes, a ser progressiva e incessantemente devoradas pelos bichos, desaparecendo as mais antigas, valiosas e raras e ficando as mais modernas, mais vulgares e menos valiosas; quase completa falta de espaço — tanta que não tardará que tenham de se amontoar as novas aquisições, condenando-as a não poderem ser lidas e a apodrecerem rapidamente; catalogação deficiente, incompleta e atrasada — tanto que a Biblioteca, embora possuindo muitas vezes as obras, as não pode facultar à consulta porque falta o instrumento de pesquisa que deveria ser o catálogo; numerosíssimas lacunas e falhas em assuntos da máxima importância literária e científica, e precisamente de obras portuguesas, o que é indesculpável; extrema escassez de meios materiais para fazer face às mais urgentes e prementes necessidades de uma Biblioteca Nacional; impossibilidade por esta razão de encadernar as espécies, ainda que só as mais importantes, e em consequência, a sua desagregação e destruição certas; impossibilidade, pela mesma razão, de publicar as espécies mais raras, valiosas e inéditas, que assim continuam perdidas para a ciência, etc. Estou muito longe de esgotar o triste rol.

Já, há mais de um século a instalação era má.

Cumprе reconhecer que são males que de longe vêm. Já, há mais de um século, em 1844, no seu «Relatório», que corre impresso, o então Director, José Feliciano de Castilho, escreveu a frase desgraçadamente profética: «se de aqui não for removida, quanto antes, a Biblioteca Nacional, não tardará muitos anos em que dela apenas reste memória».

Pelo decorrer de muitos anos o mal foi-se agravando sempre e chegámos à situação angustiosa em que, às perdas de grandes valores espirituais e materiais do património científico, artístico e literário da Nação, vem agora, e para já, somar-se a destruição — lenta ou catastrófica, quem o poderá prever! — do muito que de rico, belo e grande o passado nos legou e que ainda não deixámos de perder.

E o pior é que contra tudo isto não prevalecem nem podem prevalecer, competência, amor, dedicação, estudo, saber, cuidado, sacrifícios, etc.... A obra de destruição não pára, e, a não ser atalhada rapidamente e eficazmente, consumir-se-á dentro em pouco.

Eis por que desejo acentuar bem que, em tudo quanto digo, não faço mais que apontar factos, referir acontecimentos, citar coisas por demais sabidas e publicadas, e não pretendo nunca agravar os vivos nem os mortos. Quantas vezes muitos e muitos dos que por aqui passaram se não teriam sentido amargurados ou entristecidos com o que viam, e ainda mais por bem saberem que não podiam atalhar o mal!

Eis por que, em face da realidade que por todos os lados nos

rodeia, das grandes, numerosas e fecundas realizações que através do País — Metrópole e Ultramar — o Estado Novo tem espalhado e continua, com verdadeira força renovadora, a espalhar, parece-me lícito confiar que chegue, finalmente, para a Biblioteca Nacional a sua hora: uma instalação condigna, meios de vida, etc.».

Tudo isto é flagrante de verdade e tem sido divulgado várias vezes pela Imprensa e pelos Relatórios da Inspeção das Bibliotecas e Arquivos. O que toda a gente ignora é a causa da tremenda perseguição do Destino, que não tem consentido remédio ao mal, ou seja a cura definitiva dessa perniciosa situação. Tem havido largas e consecutivas verbas para mil obras; há engenheiros; architectos, executores para quantos edifícios oficiais sejam precisos. Só a Biblioteca Nacional continua a devorar-se a si própria, sem dó nem piedade de ninguém.

Apela o Prof. Silva Marques para a competência, o zelo, a dedicação, a assiduidade do pessoal, a fim de se fazer da Biblioteca uma austera casa de estudo, sempre ao serviço da Pátria.

É evidente que todo o funcionalismo, seja da Biblioteca, seja duma simples regedoria, deve distinguir-se inalteravelmente pela probidade imprescindível a qualquer servidor da Nação. Mas, a experiência está farta de provar que o bom soldado, o bom marinheiro, o bom operário se desgostam, relaxam e chegam a perverter-se se lhe não facultam boas armas e bons quartéis, bons navios bem equipados e boas ferramentas.

Na Biblioteca Nacional — não pode fazer-se trabalho útil, consciencioso e a bem da Nação sem outro edifício e instalações completas dentro das modernas exigências culturais. De todos os perigos já previstos e largamente enunciados, só o fogo não atacou aquela infeliz cidade de preciosidades bibliográficas. Os outros — a deterioração e o roubo — não é necessário reavivá-los.

Ao Plano Marshall foram buscar-se alguns milhões para uma fábrica de papel de presumíveis vantagens daqui a vários anos, desde que se realizem complexas condições de plantação de árvores e outros pormenores muito de considerar.

Pois no mesmo Plano cabia óptimamente o necessário crédito para uma completa e perfeita Biblioteca nos moldes das admiráveis Bibliotecas americanas, com proveito imediato na salvação do que está a perder-se e nunca mais se poderá substituir, e benefícios dia a dia maiores para a Cultura nacional.

Não querem os dirigentes valer-se do Plano Marshall para uma Obra desta natureza, têm outro plano, outros projectos?

O Prof. Silva Marques, como nós, como todos os portugueses, têm confiança no Poder público e aguardam o momento solene, em que se apregoe com sincero entusiasmo:

— Hoje, às tantas horas, no magnífico local de ....., serão iniciadas as obras para a construção do sumptuoso edifício para a nova Biblioteca Nacional de Lisboa. Assistem o Sr. Presidente da República, todo o Governo, as mais altas Autoridades civis e militares e Delegações de todos os Organismos culturais do País.

Nem sequer podemos imaginar que isto seja apenas fantasia de Poetas ou Sonho duma noite de Verão...

---

A propósito de Biblioteca e de livros, é justo louvar o officio do Inspector das Bibliotecas e Arquivos relativo à criação do *Correio das Livrarias* nos '*Anais das Bibliotecas e Arquivos*', a fim de inserir nessa secção informações acerca das obras publicadas e a publicar e assuntos correlativos.

Devemos, porém, submeter duas considerações ao illustre Inspector, signatário do officio aludido:

1.<sup>a</sup> — A recolha das informações, ao critério das Livrarias, será imperfeita e incompleta, porque, infelizmente, a maioria dos publicadores de livros está à margem dos desígnios que inspiraram a nova secção.

2.<sup>a</sup> — O atraso com que essas informações serão publicadas tira-lhes quase todo o interesse comercial e, portanto, a secção ficará desde logo condenada a falhar, visto serem poucos os Editores que se contentam apenas com o interesse histórico e cultural?

Não seria possível um esforço violento mas altamente fecundo no sentido de pôr em dia os '*Anais das Bibliotecas e Arquivos*'? Uma publicação oficial e cultural com o atraso de mais de um ano não exerce a influência que devia exercer e é mal vista pelos estudiosos que a adquirem.

---

Os problemas da nossa emigração já merecem de distintos professores as atenções que lhes são devidas e a objectividade necessária ao bom êxito daquilo que se prega. Era muito bonita a fala de que o nosso futuro estava nas Colónias, mas pouco se justificava essa orgulhosa frase com os esforços indispensáveis à sua cabal execução. Hoje, tais problemas são vistos em todos os seus aspectos com indiscutível seriedade e quer da parte dos governantes, quer do lado dos estudiosos, tudo é olhado com minúcia e simpática humanidade.

Não estando ainda as vastas Províncias Ultramarinas em condições de receberem todo o nosso excedente populacional ou mesmo os que, não sobrando, desejam, no entanto, tentar a vida noutras zonas, o Brasil era, sem a menor dúvida, o País mais benéfico, já por nele se continuarem todas as virtudes da Raça, já por haver na grande e pujante Nação sul-americana as mais preciosas oportunidades para o emigrante português desenvolver suas energias e ser útil ao Povo que o recebia. Dadas, porém, as dificuldades de transferências e exigindo o Brasil a entrada de famílias, que por lá se fixassem e quase renunciassem à sua Pátria, claro é que todos os sacrifícios devem fazer-se para encaminhar para as nossas grandes extensões africanas os colonos mais válidos e empreendedores.

E é isso o que se está a cumprir, acelerando-se as obras de fomento ultramarino, que permitam uma constante fixação de fa-

mílias de colonos, garantidas com terras e instrumentos de trabalho e, sobretudo, animadas dum forte espírito lusitano, capaz de resistir a todas as dificuldades da terra e às múltiplas e desvairadas agressões do clima.

Vão seguindo para essa África, que tantas dores e alegrias nos tem causado, famílias de colonos por todos os paquetes, mas é preciso que se escolha bem o emigrante, que se proteja e estimule no mais alto grau a saída daquele que melhor garanta a sobrevivência das características mais profundas da Raça.

Neste particular, é muito sugestivo e eloquente o artigo do Prof. Silva Lopes publicado no '*Boletim Geral das Colónias*' sobre a valorização e bem-estar do Homem Português. Dele pedimos vénia para transcrever os seguintes períodos:

«De 1864 a 1940, a população duplicou: de 1901 a 1930 emigrou aproximadamente um milhão de indivíduos. Portugal, em relação à sua população, atingiu no passado um alto índice entre os países que mais emigrantes forneceram.

Temos mais de dois milhões de colonos por países estrangeiros, enquanto não vão além de cem mil portugueses europeus, ou dessa origem, os que habitam, ocupam e marcam a nossa presença nas províncias ultramarinas.

Em boa verdade: *todos não seríamos demais*, para povoar e colonizar esses vastos e ricos territórios ultramarinos.

Transplantar milhões de indivíduos, rapidamente, seria utopia; mas há que lançar o *homem português*, em ritmo crescente, no caminho da África. E devemos fazê-lo, na medida em que lhes criarmos, lá, meios de vida; meios suficientes para os alimentar, com o *aparecimento de indústrias ligadas a uma agricultura altamente desenvolvida*; instalações para os receber, e meios de transporte necessários para a penetração do homem, e escoamento dos produtos em direcção aos grandes centros e portos de embarque.

Devia familiarizar-se o colono *mesmo antes de partir*, com a terra acolhedora, através duma documentação completa. Para tal, serviriam os documentários cinematográficos, fotografias, jornais, revistas, música, usos e costumes, produtos regionais, etc.

O problema *emigração* é um problema ligado à sobrevivência da Raça, que considerou sempre «toda a terra pátria do forte».

Naturalmente, que é ainda no próprio interesse de Raça, que devemos aceitar que só *élites* deverão emigrar!

Por isso teremos que as preparar cuidadosamente, com uma largueza de vistas que há-de corresponder aos objectivos que se pretendem atingir; quero dizer, que o colono africano não pode, sob alguns aspectos, ter a mesma preparação daquele que demanda o Brasil, a Venezuela ou a Argentina.

O *homem português* é sem dúvida o melhor elemento colonizador; é um *elemento-rico* que há-de tratar-se convenientemente, tal como os metais preciosos, moldando-o depois, liberto de certas sobrecargas de processos rudimentares, numa *unidade activa e valorizadora* em que, a par do progresso técnico, se lhe crie uma personalidade interessante de humanista activo, fazendo dele o *homem completo*; e esse homem activo e valorizador é o colono que se deve

Preparemos um *colono-padrão, tipo-português*, dentro daquele espírito de certeza científica que nos legou o Infante Navegador. Isso nos guindará, como povo, a um alto nível mental e social».

Sensatas e oportunas indicações são estas, que se coroam nobremente com o desejo de «que na bolsa de cada emigrante vá um exemplar de *'Os Lusíadas'*, bíblia-viva da Raça — para o temperar nos momentos de desalento».

Sim, mil vezes sim. Ao Soldado, ao colono, a todo o Português — *'Os Lusíadas'* darão em qualquer momento de depressão a força viva para se erguer e avançar.

---

Em São Paulo, iniciou a sua publicação a *'Revista de História'*, dirigida por E. Simões de Paula e colaborada por alguns dos mais distintos Professores brasileiros da especialidade. É consolador passar os olhos pelos dois números já saídos este ano e examinar a consistência e erudição dos artigos neles insertos.

Por estarem mais em relação com os assuntos aqui tratados, devemos referir as *Considerações sobre o Problema do Ensino*, de Pedro Moacir Campos no n.º 1 e *Bandeiras e Entradas*, por Alfredo Elis J.ºr no n.º 2.

Naquelas *Considerações*, estuda-se a diferença entre instrução e cultura e afirma-se, com J. Huizinga, que só os indivíduos de personalidade podem ser dotados de cultura. Sendo, porém, cada vez menor o número de personalidades, pelo facto de ser hoje um produto da era industrial o homem semi-formado, a Cultura está em crise e só novos processos de ensino poderão reabilitá-la. O imediatismo e um exagerado materialismo dominam os estudantes de hoje. Com a preocupação máxima de conseguirem successo em determinada especialização de ordem técnica, caem numa tal estreiteza de vistas, que nada mais lhes interessa. Há, portanto, que renovar o quadro da Cultura ocidental para adaptá-la ao período em que vivemos; e isso só pode fazer-se na Escola, orientando no sentido mais conveniente aquela pequena parte de estudantes que sente a realidade e pretende soluções novas para as suas dúvidas. — No seu pequeno, mas denso estudo sobre *Bandeiras e Entradas*, Alfredo Elis esclarece, com nitidez cristalina, a diferença entre esses dois tipos de organizações penetradoras do sertão, que andam quase sempre lamentavelmente confundidos. Faz a história dos dois movimentos e conclui com o seguinte esquema: «*Bandeirismo* — Expedições volumosíssimas, bandeirismo de apresamento e nómade; bandeirismo de colonização e pastoril; pacífico e sedentário. *Entradismo* — Pesquisador de riquezas, expedições reduzidas; entradismo oficial no Nordeste, entradismo particular e semi-oficial em S. Paulo».

---

Em Juiz de Fora, a colónia portuguesa ali domiciliada procedeu há pouco à inauguração de belo monumento a Camões, que fica

situado numa das mais formosas praças da importante e culta cidade mineira. Teve a iniciativa da impressionante homenagem a nosso patricio, Sr. Avelino Silvestre, que merece o louvor incondicional de todos os bons portugueses. Na brilhante cerimonia, em que falaram o Cônsul João Borges de Matos, o general Onofre de Lima, comandante da 4.<sup>a</sup> Divisão Militar brasileira, e outros, exaltaram-se as glórias de Portugal e de seu cantor máximo, confraternizando portugueses e brasileiros no mesmo elevado preito pela memória daquele que, dia a dia, mais se ergue no conceito e admiração de todo o mundo culto.

---

Por expressa determinação do Tenente-coronel Salvação Barreto, muito illustre Presidente da Câmara de Lisboa, o 3.<sup>o</sup> Concerto popular desta época, organizado pelo nosso primeiro município, incluiu no seu programa alguns números de música portuguesa. Se bem que não se compreendam em Portugal concertos populares sem música portuguesa, merece os maiores encômios a determinação do Presidente da Câmara, que, além de Português de nobre patriotismo, é Artista de reconhecido e consagrado mérito. Pode talvez a sua iniciativa provocar ironias ou frases vesgas dalguns estrangeirófilos que por aí saltitam a louvar apenas o que é de fora. Mas, a sua resolução não deve sofrer o menor desvio. Com ela estarão todos os que prezam e querem cada vez mais prestigiado o inconfundível espírito português.

---

Na Emissora Nacional, o Compositor da Semana continua a ser *estrangeiro*. Já passaram 34 compositores de várias nacionalidades e *nem um só* português. Ora isto fere a consciência nacional e vexa profundamente a nossa cultura artística. Não pugnamos pelos vivos, para evitar mais questiúnculas e rixas ferozes, embora os haja dignos da rubrica. Mas relegar os grandes compositores mortos para um esquecimento acintoso — é lamentável e revoltante. A Direcção da Emissora cumpre resolver com energia essa anomalia, se é que tem algum respeito por aqueles que se notabilizaram na Música, a par dos Mestres seus contemporâneos.

---

#### MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS

«Tendo verificado que, em contravenção das regras ortográficas oficialmente aprovadas, se continua a fazer uso das respectivas iniciais, sem qualquer pontuação, para referência dos Serviços dos Correios, Telégrafos e Telefones; sendo necessário, a bem da Língua Portuguesa, evitar este e outros atropelos; lembra-se: a) que todos os Serviços e Organismos devem ser designados por extenso evitando-se a referência às iniciais das suas denominações; b) que nos casos em que excepcionalmente se tenham de indicar esses Serviços ou Organismos pelas iniciais devem estas ser seguidas da indispensável pontuação. 20 de Maio de 1947». — O Subsecretário — RUI DE SÁ CARNEIRO.

---

# A PROPÓSITO DE «A NOBREZA DE CAMÕES»

*Meu caro Alvaro Pinto*

Liberto de exames, posso atentar em outra letra que não seja a dos candidatos. Por isso é o ensejo de lhe pedir, para o meu artigo do n.º 146 de 'Ocidente', de Junho, duas correcções e um aditamento.

Ao fim da pág. 268, penúltima linha, escapou — *de corpo o não era*, em vez de — *de certo o não era*.

Na pág. 271, o 1.º período depois do asterisco deve começar por *Sobre o parentesco... e a probabilíssima...*

A pág. 268 diz que a *Carta do perdão* atribui a Camões o título de cavaleiro fidalgo.

A redacção parece, de facto, referir-lho, pois quem se trata de identificar é ele e não o pai: *Luís de Camões, filho de S. V. de Camões, cavaleiro fidalgo... morador...* Mas lembrando que os documentos que respeitam ao seu embarque para a Índia, pouco depois, o dão como escudeiro, é como tal que o devemos tomar por aquela data — 1553.

Agora o aditamento:

Aquilino Ribeiro já publicou mais dois volumes sobre Camões, como é sabido. Apesar da curiosidade e do desejo de corresponder à gentileza do Autor, oferecendo-mos, ainda me não foi possível lê-los. Mas do livro a que fiz, em 'Ocidente', os meus reparos, faltou-me aludir à afirmação da pág. 51: Camões era «*humilde por nascimento e condição* — di-lo o ofertório a D. Rodrigo da Cunha da edição 1613».

O editor oferente — Domingos Fernandes — contenta-se de dizer que o Poeta é *humilde*. A especificação das categorias de humildade é acrescentamento de Aquilino. Mas será Camões, na verdade, humilde numa e noutra categoria?

Habilita a responder a esta pergunta o que na mesma edição algumas páginas adiante se afirma, pela pena de Pedro de Mariz, o primeiro biógrafo do Poeta. Põe este em evidência tanto a *humildade de condição* como a *nobreza de nascimento*, levantando a árvore genealógica que os documentos posteriores apenas têm confirmado em suas linhas essenciais. O editor não desmente o biógrafo — e seria estranho que o desmentisse, à distância de 3 ou 4 páginas. Apenas prefere referir-se ao *humilde de condição* em vez de ao *nobre de nascimento*, porque se trata de retórica de ofertório, destinada a provocar a generosidade de D. Rodrigo. Este mais se comoveria com a situação económica do Poeta genial, do que se impressionaria com a sua categoria nobiliárquica.

Pela inserção desta nota, etc., etc.

*Hernani Cidade*

# ÉCLOGA

## I

Lindo dia de Sol!... Tonteia-me a cabeça...  
Águas a marulhar...  
Ervas e seixos brincam nos regatos...  
E, fluido que o meu corpo exale e se esvaneça,  
Sai-me do corpo a Vida a passear...

Vibra nos Céus a lira de Cibele!

Os cactus  
Enchem-me os olhos de frescura... e dir-se-ia  
Que me perturba o corpo em correria  
A fresca seiva plena de humidade...

Exala-se-me a vida à flor da pele...  
Deixá-la ir...

Oh! clara suavidade...

## II

As noras,  
(Tema gasto de lágrimas serenas  
Em Cancioneiros de lamúria e penas)  
Só sabem gargalhar a estas horas...

Erguem a água ao ar  
E lavam-na de luz... e deixam-na cair  
Toda a brilhar  
E a rir... a rir... a rir...

E salpicam-me com água os meus sentidos!  
E à luz do Sol põem-se todos a luzir...

Que fúlgida miragem  
De pedras sem engaste: — os meus Sentidos!...  
Lembram guizos...  
Tlim...  
Tlim...  
Tlim...

— Daqui a pouco já não sei de mim...  
Ando prâi perdido na paisagem...

Sai-me do corpo a Vida a passear...  
Ponho-lhe um bibe branco... e é deixá-la brincar...

## III

Piso e repiso Sol, empapo-o na paisagem,  
Papas de lama e Luz marcam-me os rastros,  
E o Céu e o Sol nas terras alagadas  
Fazem nos charcos sementeiras de Astros.

Os pássaros no Céu  
Batem as asas  
E enchem de fresco o azul!...

Largam depois em correrias...  
Molham as penas nas águas frias,  
E sobem de repente  
Tontas no Céu! E esparzem-na a brilhar  
Em poalha de cristal vibrante e reluzente  
Que molha de água fria o Céu, a Luz e o Ar!

## IV

Olha o Sol! — Então não veio de fugida  
Até ao tanque, num mergulho consolado!  
Lá está muito quietinho... a repassar-se de frescura...

Atiro o balde à água a ver se o trago aprisionado...  
O Sol na minha bilha! — Oh! que doçura  
Meter-lhe dentro as mãos, e pintar de oiro a minha vida!

A minha bilha quebrou-se...  
— Quero lá saber...  
Que bom encher as mãos d'água da bica  
E pôr-se a gente a beber...

Um frio de cristal em correria  
Entorna-se nas veias...

E o sangue se inebria,  
Tonto de Sol, como se na água fria  
Se bebesse a Paisagem às mãos cheias...

Repassa-me em frescura  
O giro do meu sangue... E assoma a Vida  
Como em frémito de asa à flor da pele...

E logo a aragem  
Em torvelinho a envolve,  
Em rodopio a impele,  
— E infiltra-a pelas seivas da paisagem...

## V

Que húmido cheiro a Terra e a verdura  
Se exala!...  
Oh! que frescura  
Aspirá-la...

Nas hortas,  
Têm os caules túrgidos de seiva  
os vegetais...  
E plenos de humidade,

Molham os dedos... Oh! que bom esmagá-los!...  
Tão fresco,  
E tão macio,  
O frio  
Dos vegetais...

Sinto-me todo vazio  
De mim...  
— E adonde eu era, há só frescura e nada mais!...

## VI

Toda a horta é um jardim  
E a Vida fugiu-me a rir...  
Que bom senti-la e não saber de mim...  
Deixá-la ir...

— Menina Vida  
Viram-na passar?  
Levava um bibe branco pró recreio...  
— O bibe branco vimo-lo voar...  
Mas a Menina por aqui não veio...

— Menina Vida  
Viram-na brincar?  
Levava um guizo de oiro que tinia...  
— O guizo de oiro ouvimo-lo tocar  
Mas a menina aqui ninguém na via...

— Menina Vida  
Viram-na saltar?  
Levava no cabelo uma estrelinha!...  
— A estrela doiro vimo-la brilhar  
Mas a Menina por aqui não vinha...

Menina Vida.  
Viram-na passar?  
A minha alma, levava-a no regaço!...  
— Tua alma, sim... Ouvimo-la cantar,  
Lira nas mãos dos ventos a vibrar...  
Mas a Menina era só música no espaço...

## VII

Diluiu-se-me a Vida na Paisagem.  
— Que bom sentir-me assim tão dispersado  
Rolar de manselinho como a aragem  
Sobre as hervas molhadas do relvado...

Ser hálito de seiva a flutuar...  
Cheiros de terra fresca e de verdura...  
Fragrâncias orvalhando a Luz e o Ar,  
E enchendo o Mundo inteiro de frescura...

Pulsa o meu coração nas seivas frias,  
Exalam minha vida as ramarias...  
Na levada da várzea vai meu sangue...

E fluida, etérea, perfumada e exangue  
Do meu espírito a essência fina  
Espreguiça-se ao raso da campina...

AMÉRICO CORTEZ PINTO

# ECOS DA 1.<sup>A</sup> GRANDE GUERRA EUROPEIA

(Do “Diário dum Prisioneiro”)

Pelo P.<sup>o</sup> ANTÓNIO MOURINHO

O documento singelo e eloquente que adiante se transcreve na íntegra, conforme foi copiado do manuscrito, é autêntico.

Damo-lo com toda a virgindade ortográfica e expressiva.

No seu sabor montanhês, guarda a verdade trágica da guerra — «aquele monstro» — que foi também, para Portugal, a primeira Grande Guerra.

O autor dessas quadras tão ingénuas vive ainda. Pertenceu ao Corpo Expedicionário Português, o famoso C. E. P. Soldado anónimo, herói como todo o bom soldado que no estrangeiro se bateu com valentia pela Pátria, foi feito prisioneiro, no dia 9 de Abril. Levado para a Alemanha, lá trabalhou, sofrendo as privações dos prisioneiros, andou nos campos forçados da Bélgica e do Norte da França, até o Armistício geral de Novembro, que o libertou. Foi 2.<sup>o</sup> sargento promovido em campanha.

Começou a escrever as suas memórias da Guerra, no dia em que saiu de casa, com a *Despedida do meu querido Pai e Família*, até o dia em que, liberto dos alemães, embarcou em Cherburgo, a caminho de Portugal.

Escreveu dois manuscritos, em oitavos de papel riscado por um lado.

Escreveu a tinta, e a lápis, como sabia, em prosa e verso.

Mais tarde, daremos a lume a prosa, que é viva, embora escrita em linguagem popular, todavia mais incisiva do que os versos.

Quando outro mérito não tenha, sirva ao menos para se avaliar um pouco da tèmpera do *soldado desconhecido*, o rapaz anónimo que é o soldado da nossa província que ajudou a escrever páginas de glória e de tragédia para a Pátria e para a História.

A azinheira da montanha dá flores perfumadas, entre os espinhos das folhas duras, a singela urze da serra floresce em perfume e cor, e inebria os campos vizinhos; dão assim ao ambiente dos campos imensos um tom de variedade, beleza e perfume, no seu tom singular de ser.

Assim julgamos as impressões deste soldado português, colhidas nos campos de batalha da Flandres, há 33 anos. Confessamos que lemos algures o livro *‘A Oeste nada de novo’* daquele soldado alemão, que tanta fama teve, e não era superior em nada a este soldado mirandês, que só hoje deixa ver ao mundo as suas impressões.

Aprecie-se o soldado campesino, a sentir perante o trovejar dos bombardeamentos constantes a que ele chamava — «divertimento» — perante o horror dos campos juncados de mortos e feridos.



Eu disse adeus ao quartel  
E à cidade de Bragança  
Eu não sei se voltarei a ver  
Que vou combater na França.

Lá seguimos no comboio,  
Quase tristes a chorar;  
Pra chegarmos ao vapor  
E em seguida embarcar.

Dia vinte e dois embarcámos,  
Lá num porto de mar;  
E estávamos no vapor  
Todos a descansar.

Então disse adeus a Portugal  
Adeus minha Pátria querida  
Por ti vou a combater,  
Por ti vou dar a minha vida.

Lá seguimos na viagem,  
Abandonando os nossos lares;  
Arriscados aos grandes perigos  
Que havia nos largos mares.

O primeiro dia de água,  
Foi um gosto viajar,  
Por estarem muito sossegadas,  
As águas daquele mar.

O segundo dia d'água,  
Pôs-se muito bravo o mar,  
Estava tão tormentoso  
Que não julgávamos escapar.

Já tudo dava ais da vida  
E só se ouvia chorar,  
Que ficávamos submergidos  
Ali no meio do mar.

Mas o mar pôs-se ameno  
Dando-mos <sup>(3)</sup> grande alívio  
Já todos satisfeitos  
Por mos livrarmos do perigo.

Pois o mar esteve bravo,  
Das quatro até a uma hora  
Já poucos soldados havia  
Que não tivessem lançado fora.

Depois que já estávamos bem  
E íamos no alto mar  
Tivemos ali um perigo  
Que mos custou a livrar.

O perigo foi o seguinte  
Foi o nosso vapor atrazar;  
Por ficar com pouco abrigo  
Ali no meio do mar.

Nós não sabíamos o tratado  
Do ladrão do capitão  
Que já mos tinha vendido  
Ao Governo Alemão <sup>(4)</sup>.

Mas o destroer que mos acompa-  
[nhava  
Não sabendo o que podia haver  
Telegrafou para a frente  
Que nos viessem socorrer.

Apareceram três destroeres mais  
Para daqueles perigos mos livrar  
E seguiram em nossa companhia  
Até nós desembarcar.

Pois era uma marcha bonita  
Com os torpedeiros ingleses  
Que mos foram a livrar do perigo  
Aos soldados portugueses.

Em terra de Miranda é geral, em todos os verbos de tema em *a*, a segunda pessoa do singular e a primeira e segunda do plural, mudam em *e*.

.....  
acabeste  
.....  
acabemos  
acabestes  
acaborun

<sup>(3)</sup> MOS — Forma em mirandês do pronome pessoal *nos*.

<sup>(4)</sup> Ignoramos inteiramente a verdade acerca do facto aqui relatado. Convém notar que é uma narração feita por populares no próprio momento.

Assim que avistemos terra,  
Tivemos grande alegria  
Por nos julgarmos livres  
Dos perigos que no mar havia.

Lá chegemos à praia,  
Onde fomos desembarcar,  
E dormimos no vapor  
Para no outro dia marchar.

Dia vinte e seis desembarquemos,  
Para seguir-mos a jornada  
Eu ali também deixei  
A roupa que levava.

Lá andemos <sup>(5)</sup> formados  
Nas ruas daquela vila,  
A quatro como era dado,  
Cada qual com sua moxila.

Lá chegemos à estação  
Para no comboio embarcar  
Seguindo para a frente  
P'ra vir-mos a batalhar.

Lá seguimos no comboio,  
Dando-nos bolacha e marmelada,  
P'ra comer-mos no comboio,  
Em dois dias de jornada.

Lá seguimos pela França fora,  
Acompanhando os nossos artigos,  
E na viagem tão comprida,  
Encontremos um comboio de feridos.

Pois não tivemos grande alegria,  
Em aqueles feridos visitar;  
Por ver o que sucedia  
Aos que andavam a batalhar.

Então é que nós vimos,  
A festa que nos esperava,  
Que não era muito alegre  
Aquela nossa jornada.

Lá saímos do comboio,  
Dirigindo-nos ao acampamento;  
Sendo uma longa jornada  
Em muito pouco tempo.

Na marcha tão comprida  
Eu não pude avançar <sup>(6)</sup>;  
Só no dia seguinte  
É que me fui apresentar.

Depois de me ter ficado  
Deitei-me num palheiro francês;  
E depois veio um rapaz:  
— «*Tu sçuite*» <sup>(7)</sup> português!...

— «Se vens a falar comigo,  
É te melhor estar calado;  
Que eu daqui não me levanto  
Que estou muito cansado.

«Só amanhã me levantarei,  
Depois do sol nascido,  
Antes não me levanto,  
É escusado falares comigo.

É escusado falares mais,  
Que eu já estou deitado  
E eu não te percebo,  
Ficas melhor estar calado.»

Lá se passou a noite  
E depois veio o dia;  
Então me levantei  
E fui para a companhia.

Lá segui o caminho  
Onde estavam os soldados  
A reunir-me com eles  
E fiquemos acantunados.

Lá estive em B, T (sic)  
Naquela linda povoação;  
Para ali nos darem  
Algum tempo de instrução.

<sup>(5)</sup> ANDEMOS — por *andámos*.

<sup>(6)</sup> AVANTAR — Forma mirandesa do verbo que significa em português *aguentar*.

<sup>(7)</sup> TU SÇUITE — por *tous de suite*.

Depois de cinco dias  
Naquela povoação estar,  
Fui avisado para ir ao campo  
De instrução de esgrimar <sup>(8)</sup>.

Lá segui o caminho,  
Como estava determinado,  
A dormir ao catorze  
Que lá estava abonado.

Tive grande alegria  
Ali naquela ocasião;  
Porque me encontrei com um rapaz  
Lá da minha povoação.

Lá estivemos algumas horas,  
A falar na nossa terra,  
E como seria a nossa vida  
Durante o tempo de guerra.

Abracê-mos-nos então os dois,  
Quando foi a despedida;  
Ficando com saudades  
De ver a nossa terra querida.

Lá fui à escola de esgrima,  
Fazer a minha apresentação,  
Para naquele campo aprender  
Aquela nova instrução.

Lá estive quinze dias,  
Aprender a instrução,  
Para depois a ensinar  
Aos soldados do batalhão.

Depois que saí a pronto,  
Lá veio um caminhão  
Para me conduzir  
Ao meu batalhão.

Apresentei-me na companhia  
Ao senhor capitão,  
Para ensinar aos soldados  
Aquela nova instrução.

Lá estivemos poucos dias  
Naquela linda povoação;  
Que logo veio uma ordem  
Para regressar ao batalhão.

Lá saímos embora  
Para outro acampamento,  
Acompanhados pela música  
Era um divertimento.

A marcha era comprida  
Ia-mos muito carregados  
Lá chegamos, com trabalhos,  
Mas foi muito cansados.

Lá estivemos naquele povo  
Continuando a instrução;  
Para seguir-mos para a frente  
Mais hoje ou mais amanhã <sup>(9)</sup>.

Ali estávamos bem,  
Era um divertimento:  
Ir a instrução e ao rancho,  
Assim se passava o tempo.

Apesar do pouco trabalho,  
Não queria-mos ali estar;  
Tinha-mos saudades de Portugal,  
Da nossa família visitar.

Mas afinal não se podia,  
Sem primeiro combater;  
Era debalde sonhar nisso  
Porque não podia ser.

Lá se passaram quatro meses,  
Sem saber o que era guerra;  
Mas estáva-mos próximos dos traba-  
[lhos

E também da miséria.

Lá chegou o triste dia  
De p'rá regressar  
Todos bem preparados  
Para ir-mos a batalhar

<sup>(8)</sup> ESGRIMAR — Forma mirandesa, aportunhesada, ou vice-versa de *esgrimir*. Em mirandês é *'sgrimar*.

<sup>(9)</sup> AMANHÃO — Forma reforçada entre os mirandeses de *amanhã*, talvez por exigência de rima.

Pois regressemos<sup>(10)</sup> animados,  
Dando ao povo a despedida;  
Vindo prontos a combater  
Arriscando a nossa vida.

Pois seguimos para a frente,  
Montados em caminhões  
A visitar as linhas  
Uns quatro batalhões.

Lá nos fomos apear,  
Muito próximo das trincheiras;  
Ficando de reserva das linhas  
A vendimar as pereiras.

Lá fomos acantunados  
Numas pequenas casinhas;  
E eu logo fui avisado  
Para ir ver as linhas.

Lá fui pela primeira vez  
Aquele campo visitar  
E ver aquelas moradas  
Que nós tinha-mos de abitar<sup>(11)</sup>.

Pelo caminho por onde ia  
Viam-se casas derribadas e covas;  
Eu dizia para a minha vida:  
«— Temos muito tristes novas!»

Ao entrar pelas linhas  
Ouvi rugir pelo ar,  
Pois era uma granada  
Que mos vinha visitar.

A primeira que ouvi  
Não sabia o que aquilo era,  
Depois é que a senti  
Quando rebentou na terra.

Lá se passou o dia,  
Mas a noite era para temer.  
Que tinha-mos uma hora de gases  
E bombardeamento a valer.

Pela primeira visita que fiz  
Fui muito bem festejado,  
De comer deram-me pouco  
Mas o fogo foi melhorado.

Lá retirei das linhas  
Muito contente a marchar,  
Ficando com pouca vontade  
De eu às linhas voltar.

Mas logo no dia seguinte  
Voltei com a companhia  
Pois já todos estávamos dispostos  
Pôr em perigo a nossa vida.

Lá fomos para as linhas  
Os três dias primeiros,  
Com um bocado de mêdo  
As granadas e morteiros.

Passaram-se os três dias  
Sem haver nenhuma novidade  
Todos muito satisfeitos  
A noite de retirare.

Muito satisfeitos chegamos  
Ao nosso acantunamento  
Por ver que não era contínuo  
Sempre o bombardeamento.

Do qual do acantunamento  
Partimos para Paradí (sic);  
A continuar a instrução  
E estar de reserva ali.

Mas dali a seis dias,  
Segunda vez vamos ver  
Outras nossas linhas  
E nelas combater.

Lá estamos cinco dias  
Espera de granadas e morteiros;  
Mas fomos bem socedidos  
Como nos três dias primeiros.

Nessas trincheiras fiz uma patrulha  
Saindo ao campo de ninguém;  
A ver o estado dos arames  
Se estavam mal ou bem.

Durante na patrulha,  
É que me socedeu mal:  
Por causa dos malvados ratos,  
Que me romperam o bernal.

(10) REGRESSEMOS — por *regressámos*.

(11) ABITAR — por *habitar*.

E comeram-me a ração de reserva  
Que eu lá tinha deixado;  
E tinha de a apresentar  
Se não era castigado.

Eu disse faço queixa  
Ao senhor oficial;  
Ele disse-me que não tivesse pena  
Que não me socedia mal.

Pois tive de pagar a reserva  
E ficar muito bem calado;  
E quem assim não fizesse  
Savia que era castigado.

Pois três francos paguei  
Por causa daqueles leirões <sup>(12)</sup>,  
Roubaram-me o dinheiro  
Aquela corja de ladrões.

Pois os ratos das trincheiras  
andavam bem contentes;  
Mas eu se apanho algum  
savia que lhe quebrava os dentes.

Deixo-me agora de ratos  
Outra vez falarei  
Vou contar os mais trabalhos  
Que na vida passei.

Retiremos <sup>(13)</sup> das linhas,  
Sem perigo algum haver;  
Contentes da nossa vida  
Por assim nos soceder.

Lá fomos para o descanso  
Que não foram muitos dias,  
Que logo fomos chamados  
A ocupar outras linhas.

Regressemos para Armantier,  
A ocupar aquele *from*; (sic)  
Para lá estivemos nove dias,  
Que não era nada bom.

Nas linhas morreu um soldado,  
Num grande bombardeamento;  
E a reta guarda quatro  
E no próprio acantunamento.

Pois não era muito bom  
Que custava atorar  
Por estarem quase sempre  
De contínuo a bombardear.

Pois em nove dias que lá estive  
Ainda me vi atrapalhado  
Com uma granada que caiu  
Que me ia deixando enterrado.

Pois ali não era brinquedo  
Com granadas e morteiros;  
Que mos iam deixando  
Sem géneros e rancheiros.

Então retiremos muito tristes  
Por sermos mal sucedidos  
Por ter-mos que andar sempre  
Com a vida em tantos perigos.

Retiremos para a parada  
Alguns dias descansar,  
Para tomar-mos conta de um se-  
[tor (sic)  
Que tinha-mos de ocupar.

Lá mos chegou a ordem  
De prás trincheiras regressar,  
A passar lá o inverno  
A chover e a batalhar.

Tristes noticias eram  
Frequentar de inverno as linhas;  
Passar lá frios e neves  
Passar giadas e novrinhas.

Lá chegou o dia da partida,  
Aquele setor ocupar;  
E estar lá três meses  
Sem ninguém descansar.

<sup>(12)</sup> LEIRÕES — Grandes ratos ou ratazanas, que na Terra de Miranda têm o nome corrente de *leirão*.

<sup>(13)</sup> RETIREMOS — por *retirámos*.

Triste foi a visita  
Logo no dia primeiro  
Que morreram cinco homens  
Por um ladrão de um morteiro.

E feridos foram seis  
Pois foi uma tirania,  
Por ter-mos tantas baixas  
Logo no primeiro dia.

Pois bem grande tristeza era  
Estar à espera da morte!...  
Pois só pedia-mos a Deus  
Que nos desse boa sorte.

Pois era uma tristeza,  
Debaixo da terra abitar;  
De dia a dormir,  
E de noite ao luar.

Pois ali nós vivíamos  
Todos muito calados  
Fosse de noite fosse de dia  
Sempre dentro dos valados <sup>(14)</sup>.

E quem se deitasse fora,  
Que dentro não quisesse estar;  
Eram-lhe os dias acabados,  
Sem mais nada lhe procurar.

Ao fim de seis dias  
De estar na primeira linha,  
Fomos rendidos para os apoios  
E grande vontade que eu tinha...

Ali fui eu avisado  
O dia mesmo que saímos,  
Para ir-mos a escola de patrulhas  
E debaixo de neve partimos.

Lá me fui apresentar  
Muito bem preparado:  
Com a espingarda e baioneta  
E com a muchila carregado.

Lá chegemos a Paco (sic)  
E fizemos apresentação  
E ali recebemos  
Aquela boa instrução.

Pois era mesmo de prazer  
Aprender a fazer patrulhas  
Deitar o corpo no chão  
Naquelas noites escuras.

Isto era depois de cear  
Que iamos ao recreio,  
Arrastar a barriga pelo chão  
Assim fazíamos o passeio.

Era consolo para o corpo  
E um regalo para a vida  
Empalpar <sup>(15)</sup> o gelo frio  
E também a neve macia.

Pois era uma instrução bonita  
Com a neve a reluzir  
Para caçar os alemães  
Se estivessem a dormir.

Au fim de oito dias  
Mandaram-me para a companhia  
Que fosse fazer patrulhas  
A ver os alemães que trazia.

Apresentei-me na companhia  
No dia de consoada  
Reunir-me com os companheiros  
Naquela noite tão nomeada.

Pois foi uma noite triste  
Quando imaginava-mos consuar  
Rompeu um bombardeamento  
Que não julgávamos escapar.

A noite se passou  
Não foi com muita alegria  
Pois morreram dois homens  
Na noite de tão belo dia.

Lá saímos dia vinte sete  
Quatro dias a descansar  
Para depois rendermos  
Os que as ficavam a ocupar.

Pois nesse dia que saímos  
Havia uma grande neve;  
Fui com o chapéu a caça  
E agarrei uma lebre.

<sup>(14)</sup> VALADOS — Forma mirandesa de *vala*.

<sup>(15)</sup> EMPALPAR — Forma mirandesa de *apalpar*.

O dia de ano novo  
Fomos quatro vezes às linhas  
Arrender os que lá estavam  
Por outros quatro dias.

Fomos, debaixo de neve,  
Aquele dia para as trincheiras,  
A passar aqueles frios  
Daquelas noites janeiras.

Pois estivemos uns quinze dias  
Só de frio da pura neve,  
A resistir ao parapeito  
Sem ninguém se adormecer.

Na noite de dezassete para dezóito  
Que nas linhas demos entrada  
Tive um dos grandes desgostos  
Por se ferir um meu camarada.

Pois era um dos maiores amigos  
Que na França me acompanhava  
Pois por ele se ferir  
Grande mágua me arrastava.

Pois em visto de ele ser ferido  
Desejava-lhe uma boa sorte  
Que regressasse a Portugal  
Que se livrasse de trabalhos e da  
[morte.

Lá chegou o mês de Março  
Já era melhor tempo  
Pois já tinha-mos o inverno passado,  
Quatro dias fora e quatro dentro.

Então fomos para a rectaguarda,  
Com tenção de descansar  
Mas foi bem o contrário  
Do que estava-mos apensar.

Depois de seis dias de descanso  
Mandaram-nos avançar  
Que já ali vinham os alemães  
Que os fizêsemos retirar.

Mas eles estavam bem descansados  
Sonhando a sua taição  
Espera que se retirassem  
As nossas tropas de prevenção.

Nós passemos <sup>(16)</sup> o mês de Março  
Nos redutos de prevenção  
A espera dos alemães,  
Mais hoje ou mais amanhã.

Nos redutos nós tivemos  
Um grande bombardeamento  
Aonde tivemos quatro baixas  
Em tão pouco tempo.

Acabou a prevenção  
Então nos retiremos <sup>(17)</sup>;  
Fomos para Lagorgue (sic)  
Aonde descansemos <sup>(18)</sup>.

Só estivemos quatro dias  
Na reta guarda descansar;  
Logo nos veio ordem  
Para o setor ocupar.

Então partimos para a frente  
De muito má vontade  
E os soldados já não querião ir  
Que se queriam revoltar.

Porque tinham passado o inverno,  
Nas linhas a batalhar  
E saímos para o descanso  
Mas não deixarão descansar.

Triste foi a jornada,  
Que então nós seguimos.  
Só em trabalhos e misérias  
É que nós mos sentimos.

Naquela noite de jornada  
Grandes trabalhos tivemos;  
Quem sabe os poços de água  
Que naquela noite despegemos <sup>(19)</sup>.

(16) PASSEMOS — por *passámos*.

(17) RETIREMOS — por *retirámos*.

(18) DESCANSEMOS — por *descansámos*.

(19) DESPEGEMOS — por *despejámos*. Na Terra de Miranda, é muito frequente a frase *despejar poços*, por *pisar água*.

Lá cheguemos <sup>(20)</sup> as linhas  
Com os fatos cheios de água,  
De dar-mos tanta queda  
Nas covas da estrada.

Lá cheguemos as linhas  
Muito fartos de marchar  
A render a primeira divisão  
Que retirasse a descansar.

Então estivemos cinco dias,  
Naquele setor a esperar  
De quem nos rendesse  
Para sair a descansar.

Pois eramos rendidos  
No dia nove de Abril;  
Mas foi bem o contrário  
Para o soldado e para o civil.

De madrugada muito cedo  
Fui eu os postos rondar  
E estava tão escuro  
Que não se podia andar.

Estava tudo tão sossegado  
Que nem nada se sentia;  
Mas estava muito escuro  
Pelo novoeiro que havia

Lá chegaram as quatro horas  
Quando se disparou um canhão;  
Pois foi um soar continuo  
Maior que um trovão.

As granadas e morteiros  
Eram tão espessas no ar,  
Como a neve no inverno  
Quando esteja a nevar.

Hó! que bravos homens  
Hó que bravos sem corações!...  
Nunca julguei de ouvir  
Tanta soma de canhões.

Hó! que grandes crueis  
Só destinados a matar  
Os filhos de tantos pais  
Pouco vos costaram a criar!...

Hó! que grandes tiranos  
Hó! brutos que não considerais,  
Pois matar assim os homens  
Como se fossem animais!...

Hó! fogo bravo sem número,  
Que as trincheiras arrasais,  
Sem terdes dó tantos homens  
Como hoje aqui matais.

Hó! soberba e grande tirania  
Não se houvia se não bombardear!...  
Os que estavam debaixo  
Ninguém julgava escapar.

Pois só se houviu o primeiro  
Daqueles milhares de trovões;  
Pois não cessaram naquele dia  
Aqueles continuos canhões.

Não sei qual o motivo  
De tanto bombardear  
Só para tirar vidas  
Só destinados a matar.

Hó! que grande tristeza  
Hó! que grande crueldade!...  
De serem tantos mortos  
E de poucos escapar.

Hó! soberbos tiranos  
O vosso desejo não se satisfaz,  
Por fazer-des tanto fogo  
E por lançar-des tanto gaz.

Por ter-mos os corações aflitos  
E estar-mos fatigados  
Ainda lhe resistimos  
Fazendo grandes estragos.

Depois de quatro horas de fogo,  
Podeis crer no que vos digo,  
Que parecia e para muitos foi  
O próprio dia de juízo.

Quando os alemães avançaram  
Foi uma grande gritaria  
Uns com as ânsias da morte  
Outros para salvar a vida.

(20) CHEGUEMOS — por *chegámos*.

Hó! que dores naquele momento  
E que mágua no coração  
Por cair tanto soldado  
Debruços naquele chão.

Hó! quanto sangue arramado  
Hó! meu Deus que grande agonia  
Ai quantos filhos mortos  
Houve ali naquele dia!

Parece mesmo impossível  
Sem terem nenhuma questão,  
Matarem-se uns aos outros  
Sem procurarem a razão.

Avançai ó malvados  
Que bem pago vos há-de ser  
Os crimes que cometestes  
Pagais <sup>(21)</sup> os com morrer.

Dizeis que ides a Calé (sic)  
Bem enganados estais  
Não leveis merenda nenhuma  
Que pelo caminho jantais.

Já aí vos espera o almoço  
Podeis depressa caminhar  
Bastantes balas e metrelhadoras  
Que já vos estão esperar <sup>(22)</sup>.

Já há bastantes canhões  
De granadas prevenidos,  
Para vos dar o ensino  
Por ser-des muito atrevidos.

É bem o contrário  
Do que vós sonhais  
Creis ir vós a Calé  
Nunca nos dias chegais.

Olha se ides a morrer,  
Noutra coisa não sonheis;  
A vós bem se vos entolha  
Mas a porra é que não podeis.

Pois vós sois uns miseráveis  
Não me envergonho de os chamar  
Despistes os soldados  
Para vos fardar.

«PRIZIONEIRO»

Lá chegou a triste hora  
De me fazerem prisioneiro,  
Debaixo de tanta granada  
De metrelhadoras e morteiros.

Que tristeza imensa  
Quando me vi de alemães cercado  
Só julguei ali morrer  
Mas fui só aprisionado.

Fizeram-me saltar as trincheiras  
E para a Alemanha caminhar  
Bem tentei ali fugir  
Mas não pude escapar.

Logo encontrei um alemão  
Numa maca deitado,  
Fizeram-me levar aquele bruto  
Eis muito bem calado.

Pois fui meia légua  
Com aquele ladrão a berrar,  
Tinha as pernas cortadas,  
Tinha bem de que se queixar.

Lá cheguei ao posto de socorro  
Aonde então o deixei,  
E depois mandaram-me pôr a cami-  
[nho  
Por onde segui e caminhei.

Depois lá me meteram,  
No campo de prisioneiros,  
Onde me encontrei  
Com muitos companheiros.

<sup>(21)</sup> PAGAIS-OS — por *pagai-los*.

<sup>(22)</sup> É de notar com frequência a fina ironia com que o soldado encarava a situações adversas, no auge da batalha e até do desânimo.

O dia lá foi passando  
Dando muitos suspiros e ais,  
Imaginando como vivíamos  
Tratados como animais.

Pois o campo era bom  
Parecido com um lameiro <sup>(23)</sup>  
Mas em rancho não se sonhava  
Nem no próprio casqueiro.

Ora lá veio o desenjum,  
Quando já estávamos deitados,  
Deram um pão para três  
Já fiquemos mais aliviados.

No dia seguinte logo deram  
A décima parte dum pão;  
Eu logo vi por aquele dia  
Como davam a ração.

Pois tive naquele dia  
Uma longa jornada  
Só diziam «*luz! luz!*»  
De comer ninguém dava.

Lá partimos para Carvã (sic),  
E chegemos naquele dia  
E fomos acompanhados  
Por soldados de cavalaria.

Aí já fomos abonados  
Dando rancho de beterraba  
Ele muito bem não sabia  
Mas eu bem o desejava.

Trouxeram-nos para a Alemanha,  
Que tinham muito que nos dar,  
Beterraba e cebada  
Mas não era a faltar.

Se alguma tenho comido,  
Muito mais tenho forrado,  
Coitadinha da barriga  
Que estreita tem passado!...

Era um belo manjar  
Para porcos e cavalos;  
Isto é dado com regra  
Que não é para regalos.

Na França era fidalgo  
E escolhido no comer;  
Desde que vim para a Alemanha,  
Sempre me está a apetecer.

E porque são bons rancheiros  
E fazem um bom cosinhado,  
Mal apenas o princípio <sup>(24)</sup>,  
Já o tenho acabado.

As calças dam-me trabalho  
Que não me deixão descansar  
Estam-se sempre a cair  
E estouas sempre a levantar.

Na Alemanha o fato cresce  
E a calça também alarga,  
E a barriga diminui  
Mas então cresce a barba.

Lá dormimos numa fábrica  
Numas tábuas deitado,  
Com as calças debaixo  
E com a fardeta tapado.

Em dar roupa, não se sonhava,  
Nisso era escosado falar;  
Se alguns a tinha boa  
Pensavam em lha roubar.

A comida era pouca,  
A dormida regular;  
Assim se passava o tempo  
E temos de nos calar.

Muito nos queriam os franceses  
Tratando-nos com agrados  
A uns nos davam pão  
A outros lhes davam cigarros.

Hei-de falar bem dos franceses  
Que mal não posso falar,  
A amizade que nos tinham  
Ao prisioneiro militar.

Dali parti para Lile  
Obrigados a marchar  
Num dia muito frio  
Pois estava a nevar.

(23) LAMEIRO — Em terra de Miranda é qualquer campo relvado.

(24) PRINCÍPIO — em mirandês por *principio*, forma verbal.



NA ILHA DOS AMORES

«Fugindo as Ninfas vão...» — *Camões* — 'Os Lusíadas', (Canto IX)

Por ACÁCIO LINO



ANDALUZES — Desenhos de DIOGO DA GAMA

Lá chegamos a Lile  
Com a roupa molhada,  
Por não ter-mos capote  
F' aparrar-mos a nevada.

Então é que eu vi  
Aquela linda cidade,  
Como havia boa gente  
Franceses de caridade.

Atravessemos <sup>(25)</sup> a cidade  
E fomos para o arsenal  
Para nos ensinar  
Aquela regra giral <sup>(26)</sup>.

Ali passei oito dias  
Estudando mais uma vez;  
Um pão para quatro,  
Uma bacia para três.

A dormida era em tábuas,  
Como atrás se pode ver;  
E será sempre assim  
Enquanto cá estiver.

Pois parecia-me que mais mal  
Não se podia passar  
Depois vi a altura  
Que me fizeram chegar.

Fui mandado para um forte,  
Onde nada se via;  
Estava debaixo de terra  
Uma completa enxovia.

Pois era mata vidas,  
Assim se lhe pode chamar,  
Ali se passaram misérias  
Que não quererão acreditar.

Pois entremos para o forte  
Seis ou sete mil soldados

Para sofrer as misérias  
Com que ali fomos tratados.

O primeiro sofrimento  
Era então da comida,  
Davam um caço de rancho  
E um quarto de pão por dia.

O rancho era indecente  
Que nem comer se podia;  
Mas havia que o tragar  
Pela grande fome que havia.

A batata era com casca,  
A beterraba por lavar,  
Era uma porcaria,  
Mas tinha-mos que o tragar.

F' a respeito da dormida,  
Não é bem falar,  
Pois havia tanto piolho  
Que nos levantavam no ar.

Pois os centos que matava  
Nem contar se podiam  
Para onde um olhasse  
Só piolhos se viam.

Ó miséria das misérias,  
Das maiores que podia haver;  
Eu ali já só julgava  
Que ali tinha de morrer.

Mas lá veio um dia  
Que nos mandaram preparar  
Para sair-mos do forte  
E ir-mos a trabalhar.

Pois fomos para os trabalhos  
Mas sendo prisioneiros  
Já se estava muito melhor  
Pela comida e maus cheiros.»

<sup>(25)</sup> ATRAVESSEMOS — por *atravessámos*.

<sup>(26)</sup> GIRAL — Forma mirandesa do adjectivo uniforme *geral*.



## SOB A INVOCAÇÃO DE CLIO

*Crónica de RODRIGUES CAVALHEIRO*

O POETA E A GRANDE GUERRA Em Março de 1921, poucos dias antes da solene trasladação para a Batalha dos restos mortais dos nossos Soldados Desconhecidos, Afonso Lopes Vieira fez publicar, numa *plquette* de quátro páginas, a sua famosa poesia '*Ao Soldado Desconhecido morto em França*', que o Governo da República, presidido por Bernardino Machado, mandou imediatamente apreender, encarcerando, durante algumas horas, o seu autor no Governo Civil. Que motivara tal medida, que mais uma vez testemunhava o respeito da Democracia portuguesa pela liberdade de pensamento? Estes versos da admirável composição, aliás transposição poética da verdade histórica:

*...e que a tua presença  
espectral,  
a tua imensa  
presença acusadora e aterradora  
para quem te exportou como um animal,  
se estenda sobre o céu de Portugal!...*

Algumas semanas depois, uma ordem do mesmo Governo obrigava os mutilados de guerra a abandonar o Instituto de Arroios, onde se encontravam amparados pelo Estado. A opinião pública — como era natural — alarmou-se e comoveu-se. A Imprensa protestou. E houve oficiais, condecorados com a Cruz de Guerra, que tiraram do peito essa venera, prémio do seu heroísmo em combate, e a puseram em leilão, numa montra da Baixa, a favor dos pobres estropiados que — depois de se terem sacrificado pela Pátria — recebiam como prémio o abandono e a pobreza mais vis.

O '*Diário de Lisboa*', que há pouco iniciara a sua publicação, verberava, em artigo de fundo (26 de Abril) o procedimento do Ministro da Guerra. E escrevia: — «Logo após as homenagens ao Soldado Desconhecido, quando ainda na alma do País persistia a luminosa recordação desses dias de grandes aspirações lusíadas, dá-se o caso nefando, que consta da Ordem 103 do Ministério da Guerra, de se atirar para as incertezas da vida e da miséria com

os mutilados que se albergavam no Instituto de Arroios». E mais adiante: — «Como se compreende que o Governo pela pasta da Guerra assim brutalmente resolva a questão dos mutilados, quase desfazendo-se deles, como se eles foram parasitas entretidos na mandibulação farta dos dinheiros públicos? Porque é que o Parlamento ainda não teve um momento de pausa nas suas tristes brigas para aprovar o projecto que, melhor ou pior, fixa a situação material dos mutilados?» E terminava assim: — «Os nossos governos, que geralmente ignoram a arte de se conduzir, captando respeitos e aplausos, põem sempre um singular empenho nas medidas que visam a ofender a alma nacional. — Haverá, porventura, em qualquer dos países que tomaram parte na guerra, a mesma «fúria» de mal fazer? — Não cremos, porque, desgraçadamente, há já alguns anos que os nossos governos ostentam a rara coragem de serem os únicos na ingratidão para com os que bem serviram a Pátria».

E, sublinhando a importância do caso, o mesmo jornal passava a ouvir, sobre o assunto, algumas individualidades. Afonso Lopes Vieira depôs em segundo lugar, no próprio dia em que o '*Diário de Lisboa*' inseria as linhas acima transcritas. O depoimento do grande Poeta é conhecido, pois vem incluído no seu bellissimo livro '*Em Demanda do Graal*'. Nele escrevia-se, entre outras coisas, o seguinte: — «Não creio que houvesse em todo o Portugal alguém que pudesse dormir um sono descansado depois de saber que esses mártires da República, que são também os da Pátria — porque pela Pátria se sacrificaram esquecendo o interesse político que os enviava ao sacrifício — vão ser agora os mendigos das nossas estradas ou os famintos das nossas ruas!»

Era, em prosa, quase a mesma ideia expressa na poesia apreendida, e que tanto irritara o Governo. O '*Diário de Lisboa*', no dia seguinte (27 de Abril), também em artigo de fundo, referia-se às declarações de Afonso Lopes Vieira e, a certa altura, interrogava: — «Como é que Afonso Lopes Vieira ousa afirmar que os *interesses políticos* intervieram eficazmente no envio das nossas tropas para a França? Tem provas decisivas? Que sentido liga à expressão *interesses políticos*? Tem conhecimento de qualquer conjura macabra que nos arrastasse aos campos desolados da Flandres?» Ia reacender-se a discussão, que, com intermitências, desde 1919 durava, acerca da forma como se efectivara a nossa intervenção na conflagração europeia de 1914? Estava ainda na memória de todos a campanha tremenda de Cunha e Costa, em '*A Época*', atacando, com documentos sensacionais, a política de Afonso Costa, de Bernardino Machado, de Norton de Matos, de Leote do Rego e de João Chagas, que tanto se esforçaram por levar as nossas tropas para a frente de França.

A 28 de Abril, o '*Diário de Lisboa*' publicava uma carta de Afonso Lopes Vieira que merece conhecer-se, pois ficou esquecida, desde então, nas colunas efémeras daquele jornal da tarde. É um documento importante, porque nele se expõe a opinião do grande Poeta sobre um facto transcendente da nossa política contemporâ-

nea, como foi a colaboração dos soldados portugueses no teatro europeu da primeira Grande Guerra. Assim se exprimia o animador incomparável de 'A Campanha Vicentina':

«Senhor director do 'Diário de Lisboa', meu prezadíssimo camarada e amigo: — No artigo intitulado Portugal na Guerra publicado no seu jornal de ontem, faz-me V. a honra de se ocupar da minha personalidade e em termos de tão generosa gentileza que me cativam e confundem. Mas, attribuindo-me o que V. chama os meus gestos de polemista, declara que os envolve uma paixão que, sendo sincera, pode contudo perturbar a limpidez da verdade. Vem isto a propósito da minha resposta ao inquérito aberto no seu jornal acerca dos nossos mutilados, e na qual eu attribuo interesses políticos à nossa intervenção na Guerra. Nas suas considerações, começa V. por dizer que defendeu sempre como jornalista essa intervenção e que o fez sempre inspirado em razões patrióticas — o que eu reconheço e creio com uma convicção que nenhuma dúvida poderia empanar.

Pergunta V. se eu, para ousar afirmar que foram interesses políticos que nos levaram às trincheiras de França, possuo provas decisivas? Se tenho conhecimento de qualquer conjura que nos arrastasse à Flandres?

Não, sr. director; decisivas, se alguém as possui, não sou decerto eu, nem tenho conhecimento especial de conjura que se haja urdido. Nunca sobrecei — como se diz no calão oficial — a pasta dos Estrangeiros; nunca tomei chá nem fumei uma cigarette na companhia do sr. Lloyd George, e mesmo o sr. João Chagas conheci-o vagamente há anos e já o não conheço agora. Desprovido destas altas funções e destas relações diplomáticas, como queria V. que fosse eu quem guardasse as provas decisivas? De resto, ninguém as possui — e todavia uma me basta para ousar afirmar o que afirmei, a qual vem a ser o sentimento, o instinto da Nação, em cujo subconsciente primeiro, e depois na própria mentalidade, se fixou a convicção inabalável da afirmação que eu fiz.

É esta convicção inabalável, esta convicção nacional que explica lógica e terrivelmente o desastre da nossa intervenção, da qual saímos, todavia, honrados porque as virtudes admiráveis da nossa raça resistiram no sacrificio horrendo e fizeram dos nossos soldados — mártires conscientes e duplamente heróicos!

Sei que à roda da minha poesia apreendida se urdiu uma lenda que me apresenta como um feroz anti-intervencionista. É tão inexacto isso que poucos portugueses poderão documentar como eu o entusiasmo de que se possuíram quando Portugal entrou na Guerra. (Seria longo e não vem para o caso discutir e demonstrar que o campo de batalha propício à nossa glória teria sido em Africa). Na 'Capital de 22 de

Março de 1916 fiz eu publicar um excerto da 'Exortação à guerra', de Gil Vicente, precedendo-o destas palavras assinadas com o meu nome: «Recordar em tal momento estas redondilhas frementes de entusiasmo e força generosa, parece-me propício. Agora, como em 1513, esta voz palpitante reclama de todos nós, filhos de Portugal, a mesma vontade magnífica, o mesmo desinteresse esplêndido, a mesma triunfante virtude. O que ela reclama é o espírito de unidade, aquele que brilhou em Sagres, em Ceuta, em Aljubarrota. Aos senhores cidadãos, aos fidalgos e aos regedores esta maravilhosa canção ancestral se dirige, e exorta-os à concórdia e à vitória, — à concórdia sem a qual a vitória é impossível!»

Quer V. um entusiasmo mais ardente — e mais ingénuo? Porque, meu Deus! uma cousa é a intervenção, outra é o modo como ela se fez e o que se lhe seguiu. Para desenvolver convenientemente esta frase, seria necessário escrever um volume. Para mim, que falo e sinto pelo instinto da Nação, seria isso impossível.

Mas seja o General Gomes da Costa, honra e flor do nosso Exército, antigo comandante do C. E. P., quem lhe forneça um aspecto a páginas 110 do seu livro 'A batalha do Lys': «Devemos todos curvar-nos cheios de admiração e cheios de respeito diante deste pobre gambúzio que meteram num navio com uma arma às costas, sem lhe dizerem para onde ia; que colocaram numa trincheira diante do Boche sem lhe dizerem por que se batia; que passou meses queimado pelo sol de fogo, enregelado pela neve, atascado em lama, encharcado, tiritando com frio, carregando à baioneta quando o Boche avançava...»

Ah! Sim! diante desse soldado heróico que o grande Pintor Sousa Lopes fixou em telas admiráveis, curvemo-nos cheios de admiração e de respeito. Se do seu sacrificio não vieram para a Nação resultados de qualquer natureza, queixemo-nos apenas de quem dissociou a alma nacional a ponto de ser hoje impossível produzir-se em Portugal um movimento colectivo, como aqueles que, em plena Monarquia grangrenada, ainda agitavam épicaamente a alma de Portugal no regresso dos bravos de África, de Mouzinho e Azevedo Coutinho a Galhardo e Roçadas, quando os escritórios, as lojas, os clubes e as casas particulares de Lisboa se despovoavam e a multidão, composta de homens de todas as classes, aclamava em delírio, com prantos de emoção e brados de vitória, os últimos descendentes de uma Epopeia que eles continuavam e de que nós vivíamos ainda!... Ah! queixemo-nos dos homens que tiveram o génio negativo de nos exilarem em a nossa própria terra — até chegarmos a ver este espectáculo tremendo de officiaes portugueses arrancarem dos peitos as suas Cruzes de Guerra para as porem em leilão numa montra da Baixa, a fim de socorrerem os mutilados ao abandono!... Como vai longe a

canção de Gil Vicente! E como estas provas são em verdade decisivas como V. as reclama!...

Se alguma cousa desejo agora, é que os ricos portugueses, geralmente tão faltos de espírito, mostrem que compreendem este leilão sublime. E assim como em Nova York, há pouco tempo, se pagava por 1.000 dólares, numa festa de assistência aos Órfãos da Guerra, um jantar composto de um caldo verde servido numa mesa de zinco, em Lisboa se paguem a peso de diamantes as Cruzes de Guerra leiloadas. Esta acção dos heróis que se despojaram das suas condecorações para tal fim, parece-me que anuncia, na sua admirável significação cristã, um sinal de redenção da Pátria — desta Pátria que sendo de cristãos e portugueses, tem penado e está quase morta — nas mãos dos moiros!

De V., etc.

Afonso Lopes Vieira».

É um documento curioso — não é verdade? —, esse que aí se arquiva e que não podia ficar perdido nas páginas de um jornal diário. Contribuição para quem quizer, um dia, ressuscitar uma época atribulada, como foi a que Portugal atravessou então, ele é, ao mesmo tempo, o espelho fiel do carácter de um grande Poeta, que era também um cavaleiro-andante das causas nobres.

### MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO NACIONAL

Ordem de Serviço de 20 de Novembro de 1944

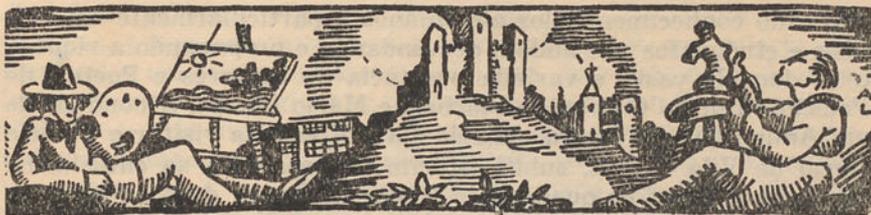
Recomendo que nos documentos a expedir por este Ministério os diversos Institutos e Serviços sejam designados por extenso, preterindo-se o confuso e inexpressivo sistema das iniciais. No «Diário do Governo» nenhum diploma será publicado com aquela forma de abreviação. — CAEIRO DA MATA.

## OBRAS de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos

EDIÇÕES DE «OCIDENTE» E DA «REVISTA DE PORTUGAL»

«NOTAS VICENTINAS» — Tomo I — *Gil Vicente em Bruxelas*; Tomo II — *A Rainha Velha e o Monólogo do Vaqueiro — Romance à morte del-Rei D. Manuel e à aclamação de D. João III.* Tomos III/VII — *Cultura Intelectual e Nobreza Literária.* Tomo VIII — *Autos Portugueses de Gil Vicente e da Escola Vicentina.* Tomo IX — *Frontispício, Índices e Capa.*

O volume completo com 664 páginas e 22 facsímiles — 150\$00.  
«LIÇÕES DE FILOLOGIA» — 1 volume de 432 páginas — 80\$00



## NOTAS DE ARTE

Por DIOGO DE MACEDO

DIOGO DA GAMA Foi durante um almoço na Pousada de Elvas, que pela primeira vez ouvi o Poeta Azinhal Abelho falar de um Pintor amador dos lados de Campo Maior, que por ali andara desenhando cenas de costumes locais, andaluzices amoiriscadas, compondo pequeninos quadros que me foram depois mostrados numa galeria, e pintando outros de *milagres* muito espirituosos e delicados, de apuradas finuras nas composições, que propositadamente fui ver a uma igreja cerca dali, em lugar de encanto e sossego, o qual me fez recordar outro sítio de igual repouso para o espírito e para os olhos, à beira de Dax, em Pouy, onde S. Vicente de Paula mais procedeu em misericórdia do que pregou quando de pastor chegou a sacerdote, relicário bucólico e luminoso de uma iniciativa de santidade pelo amor humano a pobres, crianças e doentes.

Nunca compreendi bem este poder das luzes, do cheiro da terra, dos panoramas vegetais e das transplantações evocativas com que juntamos lugares distantes e de actividades díspares, que o nosso espírito alicia para irmanar em expressões afins, só pelo consolo, talvez incoerentemente caprichoso e individual, de conceber unidades no solo por ambiências sugestivas — reflexo de saudades de minutos de poesia e de comoção que nos perturbam em imprevisos estados de alma —, ao ponto de ligarmos pelas surpresas dos efeitos panorâmicos, urbanos ou paisagísticos, determinados lugares que ficam a milhares de léguas uns dos outros. Nunca compreendi, mas tenho sentido inúmeras vezes esse poder de transplantação evocativa e sentimental. Quem conhece Amalfi, por exemplo, vem descobrir luz igual e costa marítima também igual, na vista da Arrábida. Ainda há pouco ouvi dizer a Jean Alazard, que em Tomar, lá do cimo do Convento de Cristo, revira Fiésole e quase se deliciara a visionar o Beato Angélico orando e pintando o céu e a paisagem que lhe deram glória. Como dianho fui eu rever ao pé de Elvas o recanto maravilhoso das missões de Monsieur Vincent? E todavia não asseguro paralelos dessa impressão real, porque certamente foram criados na sensação de uma misteriosa lembrança, quem sabe se de uma sombra de árvore, de um pastor que passou ou de um som de sino transmissor!

Diogo da Gama, porque é dele que se trata, era Artista já

muito do conhecimento dos alentejanos e particularmente dos críticos e etnógrafos que andam desvendando e propagando a riqueza total daquela vasta e variada província de Pintores e Poetas, de Pousão e Dordio Gomes, de Florbela e Mário Beirão. A bondade de um Amigo que me levara naquele dia a Elvas e a visitar o Palácio Ducal de Vila Viçosa, subtil espírito que assistira ao entusiasmo com que observei os quadros de Diogo da Gama, devo agora novo obséquio revelando-me uma grande pasta cheia de desenhos deste Artista, e uns apontamentos biográficos a que, segundo costume meu, e com a devida licença, entendo dever dar-lhes publicidade.

D. Diogo de Sousa Pereira da Gama nasceu em 22 de Julho de 1816, na vila de Campo Maior. Seu pai, D. Pantaleão de Oliveira Sousa da Gama, era também dali natural e fora oficial do Exército nas Campanhas da Guerra Peninsular, chegando a Coronel com várias medalhas de heroicidade e fidelidade. Neste brio patriótico, em 1825, fizera ingressar o filho no Colégio Militar, onde se lhe revelaram as tendências artísticas. Terminado o curso, propunha-se seguir a carreira das Armas, mas, devido a perseguições e intrigas políticas de que seu pai fora vítima, houve que renunciar à carreira e recolher às sopas da família, ora na sua vila natal, ora em Elvas. Seu pai, miguelista intransigente, perdera situações e bens, ao ponto de D. Diogo, porque não queria negociar a sua Arte nem tirar lucros das habilidades no desenho e na aguarela a que se dedicara, ter de aceitar a protecção da Condessa de Camaride, albergando-se na sua casa, em Lisboa. Atacado de males que o enganavam, sentiu fugirem-lhe ânimos e forças, procurando alívio no repouso e na mudança de ares. Os Condes de Camaride, seus amigos e admiradores, levaram-no para a sua vivenda, em Sintra, onde não encontrou o remédio para a traiçoeira moléstia que dia a dia mais o arruinava. Regressando a Lisboa, veio a falecer em Novembro de 1856, confortado com os Sacramentos da Igreja, de que a sua alma era muito devota.

Mais um Artista do Período Romântico, que não resistiu a doenças galopantes nem às dificuldades materiais da vida, então agitada e cruel para os que pelo Espírito sonhavam vencer!

Diogo da Gama, que desenhava por paixão e gosto de servir aqueles que recorriam aos seus dotes de amator, considerava-se satisfeito com os agradecimentos que recebia, porque outro pagamento não aceitava, declarando que os seus trabalhos «os fazia por gosto, não tinham valor material e, se tinham Arte, esta era para ser espalhada profusamente e não transaccionada».

Quantas vezes lhe faltaram os recursos para comprar os apetrechos e materiais com que executar as suas sonhadas obras! Então utilizava bocados de papel, nos quais fazia esboços, começava a aguarelar alguns com minuciosa habilidade e boa paciência, mas, faltando-lhe esta e considerando imperfeita a obra, não a terminava e frequentemente a destruía. Muitos destes documentos foram salvos às escondidas, e por eles se avalia hoje dos seus méritos e se podem julgar os processos que adoptava. Grande parte desses

desenhos e estudos, feitos com finuras de traço, facilidade nas composições, graça nos movimentos e delicadeza nos que coloria, são inspirados em temas militares, religiosos, tauromáquicos, de cavalaria, de costumes regionais, pastoris, cenas de família, alegóricos, históricos e de exuberante fantasia na sua diversidade. Convém, todavia, notar-se que muitos são copiados de estampas ou compostos sobre obras que lhe apresentavam para isso, mas ele tudo transplantava com espírito e sinais de uma personalidade, que não tivera ocasião de manifestar em obras mais importantes, nem educar suficientemente para sobrepor-se ao amadorismo com que produziu. Contudo, foi um Artista de que o Alentejo se orgulha e que deve ser lembrado sempre que se fala da Arte dessa região.

UMA Naquele tempo os políticos privavam com os Ar-  
RECORDAÇÃO tistas; e estes tinham consideração por aqueles,  
que convidavam para exposições, retratavam e  
de quem guardavam as cartas. Na correspondência de Columbano  
havia várias cartas de ministros e de pares do Reino. Também não  
faltam as de Senhoras, falando de Arte e interessando-se por Pin-  
tores. A que se publica adiante, foi escrita por uma filha de José  
Luciano de Castro, Senhora por quem guardo simpática saudade,  
intercedendo a favor de um jovem Artista, com famas de *futurista*  
e sobretudo rapaz muito inteligente: Santa Rita Pintor. Eis a  
carta:

*«Desculpe-me se o venho incomodar, mas dizem-me que depende de V. Ex.<sup>a</sup> a classificação final dum rapaz Santa Ritta, que deseja ir ao estrangeiro com a pensão Valmor.*

*Venho pois, pedir-lhe se fazia tudo quanto pudesse para que o meu protegido conseguisse o que deseja. É o Cau da Costa que protege este rapaz, que pede a meu pae para interceder por ele junto de V. Ex.<sup>a</sup>.*

*Ainda uma vez, mil desculpas e desde já muito obrigada.*

*Os nossos mais affectuosos cumprimentos para si e sua irmã e creia-me sempre. Mto. Obda., Henriqueta de Castro.*

*15 de Julho de 1908.»*

Deve-se a esta Senhora e a sua irmã Júlia a doação do único quadro pintado por D. Carlos, que se encontra no Museu de Arte Contemporânea.

O «rapaz Santa Ritta» ganhou, na verdade, aquela pensão, que findou depois de implantada a República, devido a um mal-entendido entre ele e o ministro João Chagas. Depois veio a Guerra; depois surgiu o 'Orfeu'; depois faleceram todas as pessoas que ora cito, mas nenhuma ficou esquecida.

UM DESAFIO Há um ror de anos que dele não tinha notícias.

AO TEMPO A última guerra distanciou muito os homens que só lhe sofreram o reflexo das batalhas. Cada qual para a sua banda, esmoendo saudades e aflições, assim se vai procurando o lugar da cova, o sossego da paz que nos fugiu e nos unia.

Já lá vão tantos anos, quando no Outono de 1911, arribei a Paris com o meu gabinardo mais monástico do que varino e o coração cheio de ilusões! Conheci-o no dia imediato e ficámos amigos.

O Ferreira da Costa já tinha saído há muito de Portugal, com uma pensão de Pintor, depois de ter exposto no Grémio Artístico algumas telas, e por lá se deixou ficar, enredado em sonhos e em amores. Nesta admirável obrigação humana, permaneceu jovem entre várias gerações de Artistas seus patrícios que por ali passaram. O tentacular Paris é um purgatório querido e absorvente. Quantos, mas quantos muitos outros Artistas ficaram, como ele, enamorados, esquecidos e presos aos pecados e às virtudes daquela cidade, e de quem nunca mais se falou, ignorando-se-lhes a obra e apagando-se-lhes o nome do registo onde outros de igual mérito ficaram gravados, pela coragem de virem a penates roer a côdea de uma glòriazinha caseira olhando o azul desta acolhedora praia!

Ferreira da Costa está sujeito a essa ingratidão do futuro, porque obedeceu ao destino e ficou apegado à luz macia do seu ateliê, entre o Val-de-Grace e o Luxemburgo. Todavia, numa espécie de romantismo agravado pela *parisianite* que o atacou, fez dele um excelente Pintor, contagiado de graças francesas, correcto no desenho, delicado na cor, comovido na luz e expressivo nos temas. Pintando um Nu para o *Salon*, um retrato para um palácio, uma marinha para um Museu ou uma decoração para um edifício solene, ninguém lhe levou a palma, podendo ser considerado Mestre no género, com atestados de prima classe, que durante algumas décadas sustentou. Onde se sumiu essa obra? Dispersa por colecções francesas e belgas, louvada em galerias de escolha, tem, por acaso de actos de amigo, representação no Museu Malhoa e no de Arte Contemporânea. Afora essas três telas, apenas em capas e páginas da antiga '*Ilustração Portuguesa*' dos tempos da outra guerra, aparecem desenhos seus. Ferreira da Costa, contudo, tem uma obra notável. Só na Bélgica, num grande palácio particular, deixou inúmeras pinturas que lhe tomaram parte da vida. No *Salon* de Paris, expôs durante anos e anos consecutivos. Os seus camaradas dos primeiros tempos, Constantino, Sousa Lopes, Acácio Lino, Francisco Santos, Mota Sobrinho, Simões de Almeida e tantos outros, bem o viam pintar e depois esconder a obra. Mais tarde também eu o vi preso às telas, como o ouvi tocar violino e cantar árias de óperas, como li as suas traduções e os seus artigos, porque tudo isto ele fez por gosto e ganha-pão, e tudo isto é ignorado. O Pintor Ferreira da Costa, que fez cinema e imprimiu discos, era o músico Jean da Costa e o publicista que hoje assina F. C., ao colaborar nesta revista.

Quantas gerações de Artistas o conheceram a atravessar as ruas de Paris, vagarosamente, a contar coisas do passado, saudosamente, a pintar os seus quadros, modestamente. E as gerações passaram, o tempo correu, a glória voou, e Ferreira da Costa deixou-se ficar vagarosa, saudosa e modestamente no Paris da sua paixão, sem esquecer ninguém, mas esquecido de tantos, sem ambi-

ções materiais, mas com um grande amor à vida. Por lá está e por lá fica. Foi amigo de muita gente celebrada em Paris, e nunca invejou ninguém, nunca se serviu de ninguém, preferindo a paz do egoísmo à glória de egoísmo maior. A sua casa, o seu ateliê, cheio de silêncios num pátio cheio de velhas árvores, é um mundo de lembranças e um túmulo de memórias. Tocaram no seu piano Viana da Mota e António Joice; pintaram no seu cavalete Luciano Freire e António Saúde; leram os seus livros Brito Camacho e Sá Carneiro; mas também outros e muitos, estrangeiros e portugueses, ali tiveram acolhimento. Quantos, como Armando de Basto, na penumbra daquele ateliê, fizeram diabruras, recitaram versos e sonharam alto! Ele estimou-os a todos, arquivou recordações de todos, ficou com saudades de todos e agora, no Consulado de Paris, diz-me que se esconde de todos os que por sorte ainda cá andam.

Parece que o seu destino foi sempre esse: esconder-se. Esconder-se em Paris e esconder-se mesmo de Portugal. Sina sua ou nossa? Quantos Artistas por lá ficaram escondidos, na terra sagrada dos cemitérios, sem que Portugal saiba deles, se lembre deles e deles conheça a obra para ali perdida e anónima!

Reservará o destino este abandono e indiferença pela obra do Pintor Ferreira da Costa, como parece acontecer com a de Sousa Cardoso, Pintor igualmente, mas de sentido oposto ao daquele? Porque não nos ocupamos nós, enquanto é tempo, de defender, salvar e prestigiar essa parte do nosso Património de Arte, trazendo-a para galerias nacionais e arquivando-a, até que o tempo decida se deve ou não penetrar na História, na nossa História de Arte que tanto preocupa sábios e apaixonados, sobretudo quando podem fantasiar sobre o *Encoberto* de três séculos para trás? Se fôssemos menos arqueólogos e mais positivos, se acreditássemos, pelo menos, tanto no presente como no passado, se tivéssemos a cultura e a consciência das realidades em que vivemos, das quais podemos ter orgulhos pela participação nelas, por certo não seríamos acusados de desleixo amanhã, ao voltarmos dos cemitérios ou das colunas necrológicas da Imprensa, julgando haver cumprido o dever de evocar, como neste momento eu estou fazendo, quando a obrigação era outra, que era a de proceder, de sermos mais humanos, de não chorar mas glorificarmos e nos dignificarmos a tempo!

O ateliê de Ferreira da Costa, em Paris, como tantos outros de outros Artistas portugueses, que por lá viveram anos e anos, — recordemos também o de Sousa Pinto — representa para a História da Arte Contemporânea um relicário de evocações e de documentos. Está ali guardada uma parte da vida dos estudantes artistas deste meio século. Devíamos encarregar o Pintor de a revelar em páginas de Memórias, ilustradas com quantos documentos arquivou. E o que lhe resta da sua própria obra devia pertencer a Portugal, para que o seu nome não permaneça no olvido ou na ignorância dos que cuidam da História.

Em '*Ocidente*' onde já colaborou, essas memórias teriam simpático lugar. Seja esta *Nota* o encorajamento à tarefa.



# BIBLIOGRAFIA

## LIVROS PORTUGUESES — XIII

### PROSA

O problema da Crítica Literária liga-se estreitamente (insisto e renovo a demonstração) a outro, mais profundo e grave, o da necessidade absoluta da cooperação do espírito crítico e do espírito poético.

Dessa cooperação íntima, e nas exactas proporções desejáveis, resulta a sempre necessária perfeição da Obra realizada. Necessária sempre, qualquer que seja o grau, mais ou menos alto, do talento criador de que ela nasceu. Porque nenhuma Obra não perfeita, da sua própria e muito pessoal mas também geral perfeição, poderá perdurar. Ainda que tenha origem num verdadeiro talento, a Obra imperfeita morrerá, por mais que a exaltem os seus contemporâneos, iludidos pela vibração nova do talento que nela se quis realizar e não o soube, ou enganados por modas literárias que impedem ou desculpam, ou, nos casos piores, hoje infelizmente comuns, exigem mesmo essa imperfeição.

O que pode perdurar de Obras em seu conjunto imperfeitas, é sempre e sòmente o que venceu essa imperfeição, poema independente em sua beleza, associado a coisas sem valor mas sempre recuperável, ou simples fragmentos, às vezes muito belos, testemunhos de quem só por momentos soube realizar-se.

A Crítica exercida sobre Autores seus contemporâneos e conforme o aparecimento dos Livros, à verdadeira e tão rara Crítica Literária compete reconhecer ou exigir a perfeição natural de cada Obra e principalmente incitar e ajudar a realização possível e perfeita de cada Autor que por elas se lhe mostre digno de um rigor que não soube ou não quis ter consigo próprio.

Escrevi a grave palavra *ajudar*, sem receio de uma oposição séria ao valor desta acção, necessária a muitos, e sem vaidade inútil de Crítico.

Erro e mentira vaidosa seria dizer que a alheia crítica actua sobre o talento e o ajuda a ser o que é ou a engrandecer-se. Mas a sua realização verdadeira, sim, muitas vezes a provoca, e quando necessário, a ajuda. A Crítica nada pode para criar talento nos outros. Mas incita e ajuda a realização perfeita de quantos só por si (caso raríssimo) não têm o espírito crítico bastante, e apoiado em firme e vasta cultura, necessário à Obra natural (e nem sempre, infelizmente, compreendida e desejada) do seu talento poético.

Este incitamento (e ajuda, quando aceite e precisa) à alheia realização é a honra da Crítica Literária. Muitas vezes exercido em particular, e até verbalmente apenas, entre amigos e companheiros, é, quando valioso, um dos segredos da altura da realização conjunta de algumas gerações literárias. Mas é raro, que, assim, em particular e sem a aceitação pública de uma responsabilidade, o Crítico ponha todo o esforço preciso no perfeito engrandecimento alheio, embora existam exemplos, e os melhores, dessa virtude.

Mais raro, talvez, que, sem a gravidade, para o Autor criticado, com lóuor ou censura, da Crítica feita em público, ele tenha a outra grandeza moral, também necessária, de querer esse incitamento e ajuda. É isto que dá carácter de missão à Crítica, quando exercida publicamente, e que mais enobrece a essencial honra da Crítica Literária, a vontade constante de querer, quando e quanto possível, a alheia grandeza.

Esta missão exige uma liberdade verdadeira (que a maioria dos Autores só reclama contra aquilo que em nada a prejudica), uma sinceridade perfeita

e uma coragem permanente e não só contra as reacções das vaidades feridas e os rancores dos medíocres mas também contra as vantagens pessoais e, principalmente, as naturais (mas aqui impossíveis) transigências do respeito, da simpatia ou da amizade.

A Crítica sincera e leal e que se quer justa, sabendo embora que pode errar e não temendo reconhecê-lo, a Crítica Literária verdadeira não fere nenhum daqueles sentimentos. Mas tem de aceitar que assim outros o não compreendam e nem por isto deixar de manter perfeita firmeza, já não indiferente, como deve ser às vantagens pessoais, mas superior a qualquer máguia.

É com este espírito de missão, (e só com ele, quanto a mim) que se pode responder a uma natural hesitação da Crítica, a qual, em seu duplo aspecto, resumirei nas seguintes perguntas:

Deve a Crítica mostrar a má realização de uma Obra de quem, por outras, já se mostrou grande?

Deve fazê-lo da Obra de alguém que nela ou noutras, embora imperfeitas, revele talento e possibilidades verdadeiras de futura e perfeita realização?

Num e noutro caso a resposta da Crítica verdadeira, cónscia da sua missão de incitamento à grandeza, ainda mais que da outra, de julgar o que deve integra-se na riqueza permanente de uma Literatura; num e noutro caso, e sem distinção, a resposta séria tem que ser afirmativa. Muito principalmente porque essa imperfeita ou mesmo inferior realização a maior parte das vezes derivou de uma carência de espírito crítico do Autor da Obra, e conforme ao que ela requeria.

Se a Crítica não reconhece talento num Autor, basta dizê-lo (por forma doce ou rude, segundo o seu gosto e as ocasiões) e não deve demorar-se a demonstrar essa inexistência.

Mas se ele existe, latente ou em outras Obras já realizado, então surge para a Crítica o seu dever de incitamento à grandeza, com a análise dos erros e carências, de espírito crítico principalmente, que impediram a realização perfeita e possível desse talento.

Foi, creio, a carência do espírito crítico necessário à realização da Obra Dramática intentada, e não a falta de talento, o que tornou imperfeita e mesmo inferior uma Obra de:

JOSÉ RÉGIO — '*El-Rei Sebastião*' — Poema Espectacular em três actos — Atlântida, Editora — Coimbra — 1949.

O Autor deste Poema Espectacular, não Poema Dramático, como seria necessário ao tema e sua grandeza, Poema Espectacular, segundo seu próprio desejo e expressa declaração, o Poeta José Régio, põe de novo e muito erradamente o problema da liberdade criadora perante a alheia Crítica.

A «Nota Preambular» em que há confusão de ideias, alguns acertos e muitos erros, revela precisamente o contrário da indiferença pela Crítica, uma perigosa submissão ao sentimento que das Críticas alheias pode colher um Autor. Mas nas suas afirmações expressas vem, mais uma vez, e com gravidade, por ser de quem é, a habitual recusa de todo o valor da Crítica Literária.

Compreendo perfeitamente que um Poeta seja em absoluto indiferente à Crítica das suas Obras. Mas esta indiferença, a verdadeira, só lhe não será prejudicial se o Poeta usar, com o máximo rigor, de uma poderosa, muito exigente e bem apoiada auto-crítica. E para que esta auto-crítica seja eficiente (e nos casos superiores é-o, de facto, muito mais do que a alheia Crítica) é necessário também o ascetismo de uma dedicação integral à Obra, querida em toda a sua pessoal e perfeita grandeza, com prévia e ainda maior indiferença por todos os êxitos, exhibições espectaculares, e mesmo a fama e a glória em vida, só habitualmente dada àqueles a quem um público (a pior das Críticas alheias) ou seus mentores (de tão pouca valia, em geral) deram a fácil e imperfeita compreensão imediata e o louvor.

Não basta dizer: as *criações* «nasceram de mim como se fossem meus filhos» e «são o que podem ser — ou são o que são — sendo o Autor quem é».

Isto pouco ou nada significa, mesmo quando escrito por um autêntico e

grande Poeta. Criar uma Obra é mais do que gerar um filho. Somos seu pai e mãe e seus educadores e censores, a sua escola e a sua vida e experiência. Tudo isto e ainda o que vem de mais alto e de mais fundo que nós, Poetas; o que vem de Deus e da nossa vida ancestral, da Cultura em que nos fizemos e da Linguagem que é a nossa, do Sangue e da História, do carácter e destino vivido, das oposições da sorte e da grandeza moral.

Chega a nossa auto-crítica para educar e corrigir e tornar um ente forte e perfeito (e assim perene) o *filho* de todo o nosso ser de Poetas?

Neste caso (que é o ideal, mas raro) podemos dispensar a alheia crítica e termos por ela, com vantagens até, indiferença. De contrário, não. Se a auto-crítica não teve esse poder, necessariamente apoiado nas comparações de uma vasta cultura literária, porque recusará o Poeta a ajuda leal e sincera da Crítica Literária?

A carência de uma Crítica desta qualidade e a recusa a atendê-la, quando existente, são causa do abaixamento do nível geral das produções literárias contemporâneas e da falência, mais dolorosa, de certas Obras de verdadeiros e mesmo grandes Poetas.

Porque desejo sempre maior grandeza dos que são grandes, e por ela sei lutar mesmo com quem a si próprio a recusa; porque acima de todas as considerações pessoais ponho o amor da Cultura e da Beleza e o desejo de ver sempre aumentado o património espiritual da Nação e da Humanidade; porque tenho a força bastante para dar também um pouco de mim às Obras dos outros; por tudo isto, e com o direito do sincero cumprimento deste dever, posso acrescentar, embora me pese, que um desses casos dolorosos é o progressivo abaixamento da Obra Dramática de José Régio.

Não posso, evidentemente, saber se uma auto-crítica mais rigorosa e aplicada lhe seria bastante e recuperar-se. Na dúvida não me abstenho de intervir com a minha crítica (para ser compreendida em sua lealdade, aceite ou recusada, é secundário) certo de que nada emendarei mas de que posso talvez sugerir a emenda própria, a meditação, ainda que dolorosa, das suas possibilidades, a criação futura da Obra Dramática absolutamente possível ao seu talento de Poeta.

Na minha geração, a que atingiu a maioridade por volta do ano de 1920, é, sem dúvida, José Régio um dos maiores valores. Talvez possa acrescentar que, num dos dois grandes Movimentos Espirituais por ela iniciados, o de Humanismo e o de Neo-Romantismo, e neste, que sem ser o mais alto e profundo tem muito humano e literário interesse, José Régio é o mais alto valor, entre os já manifestados, pelo menos.

Nem a natural oposição do meu ideal de Humanismo ao Neo-Romantismo me pôde jamais fazer diminuir o seu valor. Porque se não trata da oposição de *Escolas* mas de Movimentos Espirituais, ambos válidos, soube e saberei sempre reconhecer o valor das Obras desse Neo-Romantismo, e, o que é mais, desejar que também elas sejam tão grandes e perfeitas quanto lhes seja possível e natural. Grandes da sua grandeza própria, correspondendo ao talento dos seus Criadores e à possibilidade e ideais do Movimento em que se integram e de que em parte dependem.

É possível que, precisamente a propósito da Obra Lírica de José Régio, eu venha a definir esse Neo-Romantismo Português a que já por mais de uma vez me referi. A propósito de uma Obra Dramática que considero em si própria inferior, relativamente ao Poeta que a fez, e mesmo em absoluto, a minha obrigação é outra. É, dada a carência, neste caso particular, da auto-crítica do Poeta, supri-la pela minha crítica para que a recuperação, possível ao seu talento, possa vir a realizar-se.

As primeiras perguntas a fazer pela Crítica são estas: — Pode o Neo-Romantismo com as características próprias que fazem a sua grandeza e lhe marcam as limitações, permitir a criação de uma autêntica e valiosa Obra Dramática? Pode o Neo-Romantismo de José Régio, em grande parte por ele criado e com que inteiramente se identificou, permitir-lhe a realização perfeita do seu talento numa Obra Dramática?

A uma e outra pergunta, longamente meditadas, respondo afirmativamente. Esta meditação diz-me, porém, quais as características e os limites dessas possibilidades.

O Movimento, espiritual e literário, do Humanismo Lusitana começou exactamente por uma concepção trágica e sua realização em Obras Dramáticas. Ao contrário, o Neo-Romantismo Português começou pela efusão lírica, a recusa da Vida (que é tragédia) e do heroísmo, a exaltação do Sonho, a concepção da Poesia (exactamente ao contrário do Humanismo) como evasão do real.

Estes caracteres, que são, de um modo geral, os da Poesia de José Régio, não permitem a realização de Tragédias nem sequer de Dramas baseados na realidade, vivida ou histórica, nem também dos grandes Dramas Simbólicos e de criação mítica. Mas permitem e até naturalmente provocam uma Obra Dramática de íntimo debate, angustioso ou redentor, desse dualismo não superado — sonho, realidade — uma obra lírico-dramática e até, no melhor sentido, espectacular, que pode atingir a maior beleza. José Régio precisamente a iniciou com a Obra Dramática *'Jacob e o Anjo'*, de alto valor e interesse. Depois dela estávamos no direito de esperar uma ascensão e ela era e é possível. Mas foi o contrário que se deu.

Não sei quais são as Críticas ao drama *'Benilde ou a Virgem-Mãe'* contra as quais José Régio se rebela na preambular nota ao presente Livro. Uma só li, a de Orlando Vitorino, publicada na Revista *'Atlântico'*, e pareceu-me inteiramente justa e equilibrada. Foram injustas as Críticas dos Jornais? Mas a perspectiva dos Críticos de Teatro (não de Literatura Dramática, a qual existe e se basta a si própria, ao contrário do que afirma José Régio) é necessariamente diversa da que tem a Crítica Literária. A quem deseja contentar o Poeta José Régio? A si próprio, primeiramente, e a alguns seus pares, de hoje ou de amanhã, capazes de compreender e admirar uma Obra grande? Se é assim, como espero e desejo, não pode confundir a Crítica Literária com as *Críticas de Teatro*.

O que pode magoá-lo (mas por sua culpa e por não ter meditado a Obra Dramática de que é capaz) é tão-somente que não possa a Crítica Literária considerar um verdadeiro e perfeito drama a peça *'Benilde ou a Virgem-Mãe'* e tenha, infelizmente, de julgar uma Obra falhada e inferior o Poema Espectacular *'El-Rei Sebastião'*.

Falhada e inferior, porquê?

Em primeiro lugar pela errada escolha do tema, em absoluta contradição com o intuito profundo e a ideia condutora da realização poético-dramática do Neo-Romantismo e dos ideais e certezas, vaga religiosidade e amor da evasão no Sonho, que são os deste Poeta. A escolha de um tema histórico seria para ele, sempre, um erro. A história vivida tem uma realidade absoluta que não pode ser esquecida ou recusada e que em nós se continua com uma força mais funda que todas as nossas interpretações.

Podem opor-nos a tão reclamada liberdade total do Escritor, mesmo na interpretação de realidades históricas de que proveio a nossa grandeza e carácter nacionais.

Se é a liberdade legal que se reclama, têm-na inteira mas, por isso mesmo, com muito maior responsabilidade moral e sem qualquer desculpa das ofensas à verdade e à nossa consciência de homens e de portugueses.

Se é a absoluta liberdade poética, pode também o Escritor usar dela sem limites mas não sem o perigo de sacrificio do seu talento e do valor da sua Obra.

As liberdades tomadas com um tema pedido à História — a máxima realidade e, se não de muitos, dos melhores conhecida e em todos actuante — pagam-se muito caro. A comparação entre a realidade e a interpretação errada e amesquinhadora não poderá deixar de fazer-se e a Obra é por ela julgada e condenada.

Para mais grave erro escolheu o Autor deste Poema Espectacular um dos temas históricos mais sobrecarregados de humana grandeza.

E que fez dele?

A pior interpretação até hoje existente, da figura sobre-humana do Rei e Herói Dom Sebastião e de toda a sua Época de grandeza.

A essa Época (ao Rei ou aos seus auxiliares é caso para debate, que não vem a propósito) devemos o Império de Angola, o alargamento do Império de Moçambique, a continuação da obra imensa do Brasil, a manutenção

firme do Império Marítimo do Oriente. Ao heroísmo do Rei devemos também, por desgraça, o fim de uma gloriosa Dinastia Nacional?

É certo. Mas aquele findar foi de tanta glória que excede a criação, de todos esperada, e impossível, do Quinto Império Universal. E foi ainda aquele grande Rei Desejado e Encoberto o mais firme e constante mantenedor da nossa independência, motivo directo, por quanto nos impunha de grandeza, do rompimento duma nefasta União Dinástica (que só isto foi) com a Espanha, logo que essa independência foi ameaçada.

A estas realidades e à grandeza espiritual delas provinda, e que em nós vive, o que opõe este Poema Espectacular?

Tiradas *patrióticas* e *democráticas*, de comezinho e falso bom-senso, e erradíssima consideração do poder do Rei no Século XVI em Portugal. A opposição entre uma *realidade* comum da fome e da covardia e baixeza (isto no Portugal de Camões, de D. Luís de Ataíde e Paulo Dias de Novais e do Povo admirável e forte de sempre!) e o *sonho* de um só homem.

Um homem e um Rei?

Não, antes um meio-homem, ao mesmo tempo tirano absoluto e abúlico sonhador que teria precisado, para se inspirar em sua empresa, do sonho imbecil do Sapateiro Santo! E o *sonho* do Rei aparece-nos aqui (o que pode a livre interpretação!) já não apenas uma heróica loucura (se foi loucura!) mas um abandono da vontade de viver e uma vileza.

Porque José Régio criou um Sebastião (sem, Dom) moldado pelo espírito de Schopenhauer, desejoso do suicídio colectivo. Definuiu-o capaz da vileza de se querer acompanhado na morte, a que aspira românticamente, por todo o Povo, e a perda prevista, desejada, imposta, do Reino! Tudo isto, e pior, como interpretação, livre, do Homem da suprema honra, o Rei que esperava cumprir, só Ele, o que veio a ser a obra futura de toda a Raça Branca; o Herói consciente do «Morrer, mas devagar».

Admitamos, porém, a liberdade total de opor sonhos destes à realidade histórica e esqueçamos, se possível, a comparação, fatal para a Obra.

A interpretação de um caso humano patológico é também mal feita, inutilmente sobre-carregada com interpretações contraditórias. Valor dramático, nenhum. Não só falta uma verdadeira opposição de caracteres mas também a das contradições íntimas do personagem principal.

Toda a peça repete, do princípio ao fim, o momento dramático posto desde as primeiras linhas. E não o aprofunda, sequer, ou antes rebaixa-o em crescente erro de análise psicológica.

Os outros personagens não têm igualmente qualquer valor humano ou simbólico. São títeres, com vagas audácias de linguagem, que nem sequer servem a simples grandeza espectacular. Mesmo esta (para mim secundária) foi traída. O poema espectacular deveria ter findado com a saudação do Sapateiro Simão ao fantasma de Rei por ele criado (a página 172 do livro) e que corresponde à realização da ideia do Autor.

Mas era preciso voltar ainda à falsa opposição do Povo e do Rei, da verdade e do Louco (!) sem grandeza. Era preciso rebaixar, como fez por todo o Livro, a figura do Rei Dom Sebastião, depois de, em obediência à moda plebeísta, lhe ter retirado o Dom senhoril.

Mas (parece vingança de fantasmas) em contra partida, o Autor, nesta Obra, perdeu até o *dom* da expressão literária.

Estas verdades tinham necessariamente que ser ditas.

Para diminuir o talento de José Régio?

De modo algum. Para condenar uma Obra que não é digna dele. Para exigir dele a Obra Dramática séria e profunda que merece fazer.

Pode realizá-la com o seu Neo-Romantismo. Uma Obra semelhante à que fez, com o espírito do *Barôco* (de que tanto se aproxima o Neo-Romantismo), o genial Calderon de la Barca, em Poemas Espectaculares, mas verdadeiros Poemas Dramáticos também, e em especial nesse que é todo o programa destes dois, semelhantes, Movimentos Espirituais: '*La Vida es sueño*'.

Um outro exemplo da falta de prévia meditação crítica do tema histórico adoptado para a realização de uma Obra literária, é o livro de:

J. M. CERQUEIRA D'AZEVEDO — '*Jinga, Rainha de Matamba*' — Oficinas Gráficas Augusto Costa & C.<sup>a</sup>, Ld.<sup>a</sup> — Braga — 1949.

O tema histórico adoptado nesta narração (entre Romance e Crónica) não tem a gravidade, suprema, do que por qualquer modo tente invocar a figura real ou a lenda, a vida ou a morte de El-Rei Dom Sebastião. É, no entanto, grave e sério exprimir, através duma realidade histórica, a conversão de uma alma bárbara, e por ela de todo o seu povo, à Verdade e à Bondade Cristãs.

O pitoresco (mesmo quando tenha sido afastada a sua má facilidade literária) deve desaparecer ante o drama psicológico intenso e alto. O tema requer do Escritor uma grande fé no poder da Religião Católica para resgatar almas e civilizar povos e a intensa e profunda compreensão da tragédia vivida para se romper com os cultos ancestrais. Exige uma concentração máxima dos acontecimentos, a sua exposição num género literário bem definido e um estilo muito equilibrado, sem fantasias nem fraquezas. Quer dizer, é o tema ideal para uma boa Novela Histórica de média extensão.

Foi precisamente o contrário que fez o Autor deste Livro e assim, apesar das qualidades que revela, não realizou a Obra que requeria o tema escolhido.

Mas essa Obra já não era necessária. A Novela Histórica, de alta humanidade, que este grande tema sugere, já fora realizada por Hipólito Raposo. A Novela Histórica *A Rainha Ginga* incluída no seu livro '*Ana a Kalunga*', publicado em 1926, tem todas aquelas qualidades exigidas. É, sem favor, uma Obra perfeita e alta, uma das melhores Novelas Históricas da nossa Literatura. É natural que por seu próprio valor continue *esquecida*, verdadeira ou falsamente. Mas perdurará, e é isto que importa.

O tema como base de uma Novela Histórica estava, pois, esgotado. É possível que comporte, pois tem força sugestiva para isso, uma Obra Dramática e é natural que ela venha a ser realizada, pois os temas literários têm a sua vida própria e natural evolução. Mas outra Novela ou a sua diluição, como se fez neste Livro, em longa Crónica ou *Romance* (aliás imperfeitamente estruturado) não o comportava já o tema.

É claro que todo o Escritor, verdadeiro Escritor ou simples amador literário, tem o pleno direito de retomar um tema já realizado. Sujeita-se, porém, necessariamente, à comparação com a Obra superior já feita. E, neste caso particular, a comparação resulta muito grave para o Livro do Letrado, mas não Poeta, J. M. Cerqueira de Azevedo.

A diluição, em mais de trezentas páginas, do que, em meia centena, realizou admiravelmente Hipólito Raposo, apenas demonstra a paciência do Autor, não as qualidades necessárias, e muito difíceis, para acrescentar qualquer novidade à Obra do seu predecessor.

Conhecido predecessor, decerto. E se isto não diminui moralmente o Autor deste Livro, demonstra, no entanto, a sua falta de espírito crítico, manifestada até na escolha do tema para a Obra em que se nos quis revelar como Literato.

É mais um sintoma da carência geral de espírito crítico do nosso meio e nova demonstração da necessidade absoluta de uma firme e atenta Crítica Literária.

JOÃO DE CASTRO OSÓRIO

### LIVROS RECEBIDOS

3100 — *António de Sousa* — '*Livro de Bordo*' — 122 p. — Editorial Inquérito, Lda. — Lisboa — 1950.

3101 — *Leonor de Almeida* — '*Luz do Fim*' — 50 p. — Portucalense Editora — Porto — 1950.

3102 — *G. Hoornaert, S. J.* — '*A propósito do Evangelho*' — trad. do P.<sup>o</sup> *M. Costa Maia* — Livraria Cruz — Braga — 1950.

3103 — *Dante de Laytano* — '*Expansão do Idioma português no mundo*' — 36 p. — separata da revista '*Estudos*' — Porto Alegre — 1950.

3104 — *Renato de Mendonça* — '*Breve Historia del Brasil*' — 136 p. — Ediciones Cultura Hispanica — Madrid — 1950.



## NOTAS E COMENTÁRIOS

★ CRÓNICA — Chegado o mês de Julho, é irresistível a atracção do campo. O organismo debilita-se nos dez meses de labuta urbanística, os pulmões enfraquecem e o coração cansa. Então, não há remédio senão abalar à procura do ar lavado, de horizontes soberbos entre mar e céu, do romper do dia cheio da cantoria de mil pássaros e das aparições deslumbrantes dum Sol eterno e infatigável. O corpo moído e os nervos desafinados reclamam repouso, quietação, mas a certeza das belas paisagens, a sede de ar e de luz atiram-nos para fora de casa, a ver o sempre novo nascer da manhã, o desabrochar das flores e das folhas, o giro cantante da água tão fresca e cristalina que desce de várias fontes e corre alegremente a saciar plantas e animais. E aí vamos começando a apaziguar os males da cidade e a cobrar melhor disposição, que bem depressa nos reconstituíram, se outras fossem as observações sobre o ambiente social que, infelizmente, continua a caracterizar o abandono em que vive a maioria da população rural. É grandioso o trabalho da Natureza, mesmo quando irrompe em ímpetos devastadores, que parece tudo quererem arrasar num gesto sacudido de castigo ou reprovção. O trabalho dos homens, porém, em assuntos de aproveitamento da terra, de melhoria das culturas, de selecção das espécies vegetais e animais, prossegue na mesma rotina de há 10, há 30, há 50 anos, com grave prejuízo para a economia nacional. A destruição das árvores, sem obrigação de novas plantações; as queimadas; a incúria na escolha das sementes — são os principais vícios do habitante do campo, que faz assim porque assim fazia o avô e não está disposto a mudar, porque, já agora, nunca sairá da cepa torta. Por parte dos municípios, a assistência não se revela dinâmica, educativa e eficaz. A burocracia domina tudo; a papelada consome todas as horas. E, por isso, e porque os confortáveis veículos não transitam bem pelos caminhos e pelas ruelas dos lugarejos, estes andam sem o menor arranjo, à mercê do tempo e da sorte. Este ano, houve chuvas fortes e prolongadas. Produziram-se poças e lodaçais; desarranjaram-se paredes e poldras. Há insectos a mais e higiene a menos. Cumpriria, evidentemente, que, a par das grandes obras que embelezam e enriquecem o País dia a dia, se multiplicassem as pequenas obras pelos campos, pelas vias rurais, por todos os núcleos em que a produção e o arranjo das terras obrigam a transportes

pesados e constantes. As Casas do Povo ainda não exercem a milésima parte dos benefícios que delas se deve exigir. Desconhece-se a verdadeira solidariedade e não se cuida de organizar o cadastro dos trabalhadores. Muitas fainas são prejudicadas constantemente pela falta de trabalhadores competentes e isso porque a maioria anda sempre à cata de qualquer emprego que lhe dê mais. E, por sua vez, os empregadores não têm escrúpulo de *roubar* pessoal onde quer que ele ande e cause os embaraços que causar. As próprias obras públicas geram vezes sem conta graves desequilíbrios nos trabalhos do campo por absorverem *todos* os trabalhadores que se lhes ofereçam ou que possam arrastar. Cadastro e carteira rural organizariam e disciplinariam as tarefas da lavoura. Chegaremos um dia a esse apuro? — Entretanto e acreditando que não estejamos a clamar no deserto, aqui deixamos estas considerações como lembrança de melhores planos, a bem da terra e da possível felicidade de seus habitantes.

★ EM BOA PAZ — A Repartição Central de Estatística e Informação de Goa publicou em separata o artigo que Abel Montalto inseriu no '*Heraldo*', a propósito das pretensões do Pandita Nehru. É uma serena apreciação da pessoa e atitude do 1.º Ministro da Índia. A Geografia e o Direito dos Povos, o Imperialismo britânico e o Imperialismo português, os Goeses e a Nação Portuguesa, Goa e a República indiana são os capítulos que precedem a conclusão: «*Nossos problemas internos*», em que Abel de Montalto mostra que todas as reivindicações de Goa têm de ser resolvidas por acordo com Portugal, visto Goa estar integrada desde 1510 no Território português. O Pandita foi mal informado sobre a Índia Portuguesa e fez declarações imprudentes. São estas as últimas palavras do artigo agora reproduzido: «Lamentamos que as tenha feito porque elas não estão harmónicas com os princípios que o seu autor tão ardentemente professou. Nem com as declarações pacíficas e desejos de harmonia e boa colaboração manifestados pelo ilustre Presidente da República, Dr. Rajendra Prasad, no discurso inaugural — relativamente às Nações Estrangeiras».

★ A CRISE DO LIVRO — Não deixam os jornais de falar na crise que há alguns anos aflige o livro português. Esperam-se a todo o instante medidas protectoras que animem a indústria cultural, por excelência, mas nem se pensou ainda a valer no Instituto Nacional do Livro nem as famosas portarias do papel impostas por uma normalização cega foram revogadas até hoje. A crise continua, agrava-se e põe em risco muito do prestígio intelectual do País, não só por terem de rebaixar-se as condições materiais do livro como por diminuir dia a dia o movimento editorial. Devemos insistir na solicitação de rêmédios urgentes e decisivos.

★ SELO DE EDUCAÇÃO — Como uma das receitas bem produtivas para a sustentação do Instituto Nacional do Livro, lembrámos já aqui um Selo de Educação, que fosse, simultaneamente, um meio artístico de divulgar as effigies dos nossos melhores valores espirituais. Devemos acrescentar que a sugestão nos foi dada por igual selo existente no Brasil e cujo produto constitui um bom au-

xílio ao orçamento do Ensino. Acabamos de ler que desde 1932, data da criação desse selo, até 1949, a sua venda produziu 225 milhões de Cruzeiros, ou seja cerca de 300 mil contos da nossa moeda. Entre nós, a receita seria bastante menor, mas decerto atingiria verba apreciável.

★ QUE HORRÍVEIS DECLAMADORES! — Pobre Junqueiro, pobres Poetas! — Como seus versos são desfigurados, quase envilecidos pelos declamadores da Rádio! Se a Poesia fosse o que se irradiava nas várias Emissoras portuguesas, bem podíamos apressar as exéquias fúnebres de toda a Nação, pois tanto as furiosas como os furiosos tudo declamam num tom soturno de enterro. Às vezes, o locutor está a proferir com regular correcção a sua fala e ouve-se com agrado. De repente, parece que empunha a guitarra e se lança a vociferar aquelas lamúrias enjoativas e revulsivas que apelidam de *fados*... Não se trata, porém, dessa mistela. O locutor pretende dizer versos... Pobre Junqueiro, pobres Poetas de Portugal, que andais por bocas tão desajeitadas, apesar de haver nos nossos palcos autênticos Mestres da Arte de dizer! Porque não tomam lições, srs. locutores? O esforço por aprender só nobilita aquele que procura aperfeiçoar-se em quanto haja de cumprir. Não se envergonhem. Estudem e aprendam.

★ SUPERPOPLAÇÃO E MALTUSIANISMO — A Itália, neste ano de 1950 tão visitada por peregrinos de todo o Mundo, está a dar-nos um triste espectáculo por motivo da sua superpopulação e de um desemprego que anda por perto dos dois milhões. O *Piano Fanfani* conseguiu diminuir em 1949 o número de desocupados em cerca de 500.000, mas o alto índice de natalidade não deixa descer a percentagem pavorosa do desemprego (cerca de 10 % da população). Daí, a revolta, a indisciplina e o acréscimo do Comunismo, que já ocupa o 2.º lugar depois do russo. Tem-se recorrido à intensificação da emigração, mas a saída vai sendo muito inferior às necessidades. Lembraram-se então os grandes economistas de adoptar o *Birth Control*, aconselhado por Stafford Cripps, o conhecido socialista britânico. E logo depois a Confederação dos Proprietários Industriais proclamou que o único antídoto viável contra os males da desocupação na Itália é ensinar o povo italiano a fazer menos filhos. Veja-se o perigo de tal medida e a desorientação moral, social e religiosa que ela representa.

★ NOTA DO FIM — Está para breve a realização do *Colloquium luso-brasileiro* em Washington. Já aqui nos referimos à altíssima importância dessa reunião cultural e aos resultados magníficos que dela podem advir para a expansão da Língua e da Cultura Portuguesa no Mundo. Fazemos sinceros votos por que a Delegação portuguesa ao *Colloquium* compreenda bem o papel que lhe cumpre desempenhar e se comporte, no que diz respeito à apresentação de nossos valores, com a largueza de ânimo que a esplêndida iniciativa requer. Em assuntos de tal natureza, é preciso que não haja *partidos*, restrições premeditadas ou escolhas unilaterais, que restrinjam o mérito dessa apresentação.

ALVARO PINTO



## Sociedade Geral de Comércio, Indústria e Transportes

LISBOA

Agentes em Lisboa: COMPANHIA UNIÃO FABRIL (Secção Marítima)  
Rua do Comércio, 39 — Telefone 3 0551

## FROTA

n/m «África Ocidental» .....	1.504 Ton.	n/m «Cartaxo» .....	1.376 Ton.
n/m «Alcobaça» .....	9.437 »	n/m «Colares» .....	1.376 »
n/v «Alcoutim» .....	10.526 »	n/m «Conceição Maria» .....	2.974 »
n/m «Alfredo da Silva» .....	5.500 »	n/m «Coruche» .....	1.376 »
n/m «Alexandre Silva» .....	2.974 »	n/v «Costeiro» .....	900 »
n/m «Alemquer» .....	9.437 »	n/v «Costeiro Segundo» .....	490 »
n/v «Alferrarede» .....	2.118 »	n/m «Costeiro Terceiro» .....	1.426 »
n/m «Almeirim» .....	9.437 »	n/m «Covilhã» .....	1.376 »
n/v «Amarante» .....	12.595 »	n/v «Cunene» .....	9.800 »
n/m «Ambrizetes» .....	9.100 »	n/v «Foca» .....	2.618 »
n/m «Ana Mafalda» .....	5.500 »	n/v «Inhambane» .....	9.619 »
n/m «Andulo» .....	9.100 »	n/v «Luso» .....	10.125 »
n/m «António Carlos» .....	2.974 »	n/v «Maria Amélia» .....	3.005 »
n/m «Arraiolos» .....	9.437 »	n/v «Mello» .....	6.253 »
n/m «Belas» .....	7.100 »	n/v «Mirandella» .....	7.000 »
n/m «Borba» .....	7.145 »	n/m «São Macário» .....	1.221 »
n/m «Braga» .....	7.110 »	n/v «Saudades» .....	6.430 »
n/m «Bragança» .....	7.110 »	n/v «Zé Manel» .....	1.220 »

TOTAL: 186.415 TONELADAS

Rebocadores — «Africas», «Cintra», «Estoril», «Freixo», «São Cristóvão», «Soure»  
Lanchas a motor — «Garota», «Bolhão», «Obidos», «Maquela», «Carochã»

34 Batelões (19 de 500 ton., 13 de 400 ton. e 2 de 250 ton.); 24 Fragatas (2.150 ton.); 1 Barca de água (250 ton.)  
e 1 Draga «Barreiro» com 5 Batelões de Dragadas com 80 m<sup>3</sup> cada

Em construção nos estaleiros da C. U. F.: 2 Navios de 5.500 ton. para 36 passageiros e carga, cada um;  
2 Rebocadores de 1.200 ton. cada um

Carreiras de Lisboa para: Norte de Europa — Norte de África — Cabo Verde — Guiné — Angola — Argentina  
— Chile — Estados Unidos — Terra Nova — Groenlândia e Costa de Portugal

Importante — A Companhia que mais navios tem ao seu serviço construídos em Portugal nos estaleiros  
da Companhia União Fabril no Barreiro e Lisboa

## DICIONÁRIO COROGRÁFICO

De Portugal Continental e Insular

Arqueológico, Biográfico, Etimológico, Heráldico, Hidrográfico,  
Histórico e Orográfico

Por AMÉRICO COSTA

Esta obra de ilimitada utilidade, coordenada por especialistas e da qual a **Livraria  
Civilização** tomou o encargo de prosseguir na sua publicação, abrange todo o

CONTINENTE, MADEIRA E AÇORES

Distritos, cidades, concelhos, vilas, freguesias, povoações, aldeias, lugares, herdades, quintas, casais, granjas, praias, portos, faróis, rios, ribeiros, montes, serras, matas, lagoas, termas, cabos, fontes, minas, castelos, praças, fontes minerais, monumentos nacionais, igrejas, capelas, mosteiros, ruas, travessas, becos e largos das principais cidades; serviços telegrafo-postais, ferroviários, hidráulicos, eléctricos, transportes, automóveis, turismo, fastos, epopeias, varões ilustres, lendas, etc., etc.

Consta de 12 volumes, com cerca de 15.000 páginas, centenas de gravuras, mapas e brasões referentes a cada um dos concelhos do Continente, Madeira e Açores.

Custa, completo e encadernado, capa de percalina Esc. 2.800\$00;

capa de percalina com lombada de carneira Esc. 2.920\$00

O Dicionário Corográfico não será reimpresso

Completamos colecções fornecendo mapas, cadernos, fascículos ou volumes em falta

Vendas a pronto pagamento ou por pagamentos suaves

Pedidos de esclarecimentos à LIVRARIA CIVILIZAÇÃO — Rua do Almada, 107 — PORTO — PORTUGAL



**TOSSE ?**

**BENZO-DIACOL**

**DRÁGEAS**

**GOTAS**

**XAROPE**